

P

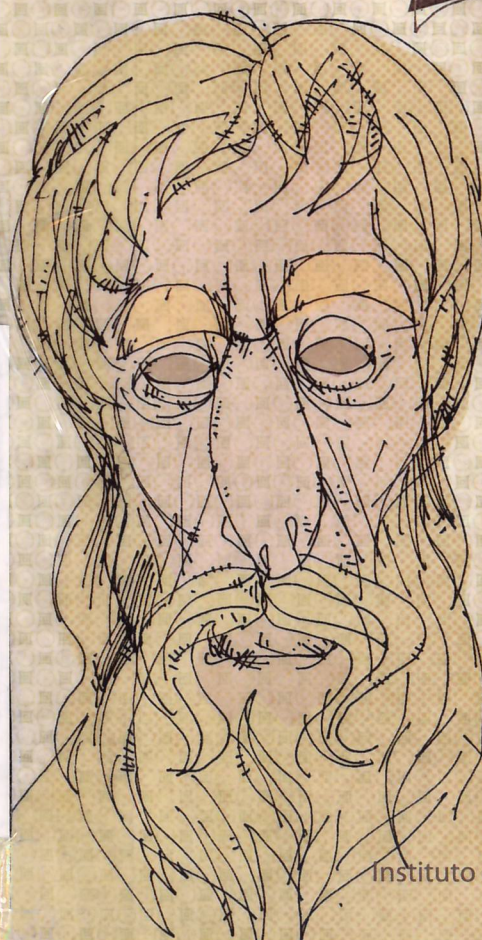
A/Z

ISSN 1807-9873



Cadernos de Tradução

Número 32 - jan / jun - 2013



As nuvens
Aristófanes

Instituto de Letras - UFRGS



Cadernos de Tradução

ISSN 1807-9873

Nº 32, jan/jun de 2013

Aristófanes: As Nuvens

Organizador

José Carlos Baracat Junior

Instituto de Letras - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº 32, jan-jun, 2013, p. 1-98

UFRGS / ICSH



INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretora: Prof^a. Jane Fraga Tutikian

Vice-Diretora: Prof^a. Maria Lucia Machado de Lorenci

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Andrei dos Santos Cunha

Prof. Gerson Roberto Neuman

Prof^a. Heloísa Monteiro Rosário

Organizador deste número:

José Carlos Baracat Junior

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica
do Instituto de Letras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/letras>

E-mail: iletraspublic@ufrgs.br

Sumário

Apresentação / 5

José C. Baracat Junior

Prefácio / 9

Stephen Halliwell

Aristófanes, As Nuvens

Versos 1 a 152 / 13

Raphael Zillig

Versos 153 a 297 / 20

Nicoll Rosa

Versos 3, 298 a 456 / 29

Luciano Bisol

Versos 457 a 594 / 38

Cesar Lopes Gemelli

Versos 595 a 752 / 44

Bruno Ceretta Schnorr

Versos 753 a 912 / 54

Eduardo Araújo

Versos 913 a 1062 / 65

Nykolas F. Motta

Versos 1063 a 1213 / 72

André Luiz Cruz Sousa

Versos 1214 a 1352 / 79

Eduardo Laschuk

Versos 1355 a 1511 / 89

José Carlos Baracat Junior

Apresentação

O propósito de uma tradução como esta que apresentamos, publicada num periódico acadêmico como este, é antes e acima de tudo o exercício da tradução. Assim como não há um só tipo de exercício para o corpo, não há um só tipo de exercício tradutório. A especificidade do exercício praticado pelo nosso grupo foi determinada pelas dificuldades – e recompensas! – da literatura grega antiga e do aprendizado do magnífico idioma em que ela está escrita.

Nosso exercício tradutório envolve um aprendizado não apenas de um conjunto de regras gramaticais e de um vasto vocabulário, mas também um aprendizado de como e onde as infindáveis dúvidas morfológicas, semânticas e sintáticas do grego antigo podem ser minimamente solvidas. Trata-se, assim, de aprender a utilizar o vasto material de amparo de que dispomos, coisa que, ao contrário do que se possa pensar, não é simples; sequer a consulta a um bom dicionário pode ser feita sem algum conhecimento prévio da língua.

Ao encararmos um texto como as *Nuvens* de Aristófanes (c. 447-385 a.C.), além de exercitarmos esse tipo de conhecimento “banal” da língua, além de refletirmos, mesmo que de modo incipiente, sobre os problemas de estilo implicados pela tradução de textos literários (especialmente os poéticos, como é o caso aqui), nos deparamos com um exercício que não costumamos praticar no âmbito da graduação: a crítica textual. Tentar traduzir um texto antigo é dar-se conta de que, na verdade, não há um texto, ou pelo menos não há um único e monolítico texto.

Nossa concepção usual de texto não pode ser aplicada com exatidão a “textos” antigos por vários motivos; explicá-los extrapolaria os limites de uma mera apresentação. Basta dizer, todavia, que o manuscrito mais antigo que contém as *Nuvens* integralmente data de 1300 d.C. aproximadamente; ou seja, mais ou menos novecentos anos depois de a peça ter sido encenada.

Talvez seja esse o exercício novo e mais árduo para a maior parte dos integrantes de nosso grupo. Entender que por trás, ou melhor, antes dos caracteres impressos na página a ser traduzida há muitos manuscritos diferentes com lições divergentes, que foram cotejados para o estabelecimento de um “texto”; há emendas propostas por editores modernos para sanar trechos problemáticos, que encontram amparo na gramática normativa, mas não nos manuscritos; há passagens que nunca serão compreendidas e problemas que nunca serão resolvidos...

É um trabalho árduo, que provoca tanta dor e fadiga quanto “trabalhar” um músculo preguiçoso. Todavia, é preciso reconhecer que nosso trabalho é bastante prazeroso e que este, em particular, foi extremamente divertido. Aristófanes é um poeta genial, um verdadeiro inovador da linguagem (ao lado, por exemplo, de James Joyce, na opinião do filósofo americano Donald Davidson), e as *Nuven*, por sua vez, uma das suas produções mais hilariantes.

Ainda que esta não seja a primeira tradução da obra para a língua portuguesa – que conta já com as traduções de Gilda Starzinsky (1967), Junito de Souza Brandão (1976) e Custódio Magueijo (1984), pelo menos, temos que reivindicar a nossa originalidade: a nossa é a primeira a dar nome aos bois, por assim dizer. É que, na comédia antiga, todos os artifícios para provocar o riso eram empregados, entre eles a obscenidade. Normalmente, as traduções costumam purificar o linguajar aristofânico; nós, porém, nos negamos desde o princípio a cometer esse “crime” contra o autor. Isso significa que este número dos *Cadernos de Tradução* não seria livre para todos os públicos...

As pessoas que se exercitaram neste número são: André Luiz Cruz Sousa, doutorando em Filosofia e em Direito na UFRGS; Bruno Ceretta Schnorr, graduado em História pela UFRGS; Cesar Lopes Gemelli, doutorando em Literatura na Universidade de Notre Dame (EUA); Eduardo Araújo, graduando em Direito pela UFRGS; Eduardo Laschuk, professor do Departamento de Química da PUC-RS; José Carlos Baracat Junior, professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFRGS; Luciano Bisol: graduado em Letras pela UFRGS; Nicoll Rosa, graduada em História pela UFRGS; Nykolas Friedrich Von Peters Correia Motta, mestrando em Filosofia pela UFRGS; e Raphael Zillig, professor do Departamento de Filosofia da UFRGS.

Duas outras pessoas tornam este número especialíssimo. Leandro Bierhals Bezerra, responsável pela editoração deste e dos demais periódicos do Instituto de Letras, e também cartunista, nos presenteou com o trabalho da capa, uma produção original feita exclusivamente para a nossa tradução! E ainda outro presente: um prefácio assinado por Stephen Halliwell, professor da Universidade de St. Andrews (Escócia), possivelmente o maior especialista vivo em Aristófanes! Ao Leandro, que dedicou seu trabalho técnico e artístico a este *Caderno*, e ao professor Halliwell, que, em meio a inúmeros compromissos, encontrou tempo para redigir-nos um prefácio – muito obrigado!

Algumas explicações ulteriores:

- i) Nossa tradução não tem pretensão literária, mas tenta ser precisa e refletir um pouco da coloquialidade erudita de Aristófanes. As notas têm como objetivo agregar informações mínimas para a compreensão de algumas piadas e de alguns personagens da peça, assim como expor dificuldades de tradução, jogos de linguagem etc. Embora o texto original, como já mencionado, seja um poema, nós o traduzimos em prosa.
- ii) A tradução segue fielmente o texto estabelecido e editado por K. J. Dover (referências no próximo item); os números entre colchetes no corpo do texto marcam as números dos versos do poema.
- iii) Estas duas obras são citadas nas notas apenas pelo sobrenome do autor: K. J. Dover, *Aristophanes, Clouds*, Oxford, Clarendon Press, 1989 (primeira edição de 1968); e J. Henderson, *The Maculate Muse. Obscene Language in Attic Comedy*, Oxford, Oxford University Press, 1991 (primeira edição New Haven-London, Yale University Press, 1975).

Porto Alegre, abril de 2013

José Carlos Baracat Junior
Organizador

Prefácio

Stephen Halliwell

As *Nuvens* ocupam um lugar muito especial entre as peças supérstites de Aristófanes. O motivo principal é que essa obra contém nosso mais antigo testemunho substancial da impressão que os atenienses tinham de Sócrates, que permanece uma das figuras mais fascinantes de toda a Antiguidade (para não dizer de toda a história da filosofia). Pessoa alguma pode ler as *Nuvens* cuidadosamente, e menos ainda traduzi-las, sem enfrentar as formidáveis dificuldades de tentar extrair um sentido – ou imaginar se é *correto* tentar extrair um sentido – da notória descrição que a peça faz de Sócrates como o diretor de um “instituto do pensamento” (*phrontistérion*). A comédia de Aristófanes foi, inevitavelmente, arrastada para as controvérsias da “questão socrática”: quem exatamente era o enigmático Sócrates? qual era a natureza de sua influência sobre seus companheiros? e por que foi ele, finalmente, condenado à morte por sua própria cidade?

O *status* da peça nesse contexto mais amplo continua a dividir a opinião dos críticos. São as *Nuvens* uma mera paródia do Sócrates histórico, ou elas nos dão pelo menos um vislumbre indireto do que (alguns) atenienses podem ter pensado sobre ele antes de Platão e outros socráticos transformarem-no em um “herói” filosófico? Seria a peça realmente hostil a Sócrates e aos *phrontistérion*, ou mesmo aos filósofos de modo geral, ou ela almejava um efeito cômico mais sutil do que esse? Essas questões, e outras relacionadas, colocam sérios desafios aos leitores e intérpretes com preocupações históricas. Elas se tornam ainda mais difíceis pelo fato de que o texto que nós possuímos da peça não é o de sua produção original (em 423 a.C., quando Sócrates tinha aproximadamente 46 anos), mas uma versão parcialmente revisada e aparentemente não encenada de alguns anos mais tarde. Não podemos ter certeza acerca dos detalhes precisos

das mudanças feitas por Aristófanos no texto original, e tampouco sabemos por que ele jamais terminou a revisão.

Muitos críticos das *Nuvens*, compreensivelmente, consideraram difícil escapar da negra sombra “retrógrada” do julgamento e da execução de Sócrates em 399 a.C. Se um júri ateniense terminou por condenar Sócrates como subversivo e perigoso (por supostamente “corromper os jovens” e “não aceitar os deuses da cidade, mas introduzir novos deuses”, não deve o retrato de Sócrates feito por Aristófanos nas *Nuvens* ter contribuído por sua própria conta para o sentimento hostil ao filósofo? Afinal de contas, esse é um retrato de um intelectual cuja “escola” de fato (entre outras coisas) rejeita os deuses gregos tradicionais e ensina um tipo de retórica cínica que permite colocar em questão valores tradicionais de justiça e ordem social. Essa espécie de leitura da peça alega encontrar apoio para suas ideias na famosa *Apologia* de Platão, na qual se faz referência às *Nuvens* duas vezes. Entretanto, se olhamos com muita atenção para o que Platão faz Sócrates dizer a respeito das *Nuvens* em seu discurso de defesa, vemos que ele na verdade *contrasta* a comédia com as atitudes das pessoas que nutriam “ressentimento e maldade” contra ele. E ele (discutivelmente) usa as *Nuvens* para sugerir que certas distorções de suas próprias ideias produzem um “absurdo” que não tem lugar senão na *comédia*: nela, pelo menos, elas podem servir a uma função propriamente teatral. Contrariamente ao que é afirmado de costume, não é de modo algum claro se Platão pensava que as *Nuvens* tinham parte da culpa pela condenação de Sócrates.

O que quer que se faça dessas passagens da *Apologia* de Sócrates (e tenhamos em mente que Platão era uma criança pequena quando as *Nuvens* foram encenadas pela primeira vez, e ainda que boa parte da primeira audiência da peça já estaria morta, especialmente por conta das casualidades decorrentes da Guerra do Peloponeso, na época em que Sócrates foi levado a julgamento, quase um quarto de século mais tarde), há traços das *Nuvens* mesmas que deveriam no fazer hesitar em julgá-las como uma obra de anti-intelectualismo grosseiramente hostil ou declarado. Deixe-me mencionar apenas um ponto fundamental e intrigante. Há uma seção da peça chamada *parábasis*, na qual o coro se dirige diretamente à audiência na voz do dramaturgo. Essa é uma das partes que Aristófanos reescreveu depois da primeira encenação – nós o sabemos porque ela se refere claramente à primeira encenação (e ao fato de não ter ganho o primeiro prêmio na competição teatral). Nessa seção, Aristófanos emprega uma série de termos para defender a peça como uma exibição de invenção cômica inteligente e sofisticada (linhas 518-562). Ao fazê-lo, ele emprega vários termos-chave, que são aplicados ao próprio Sócrates e também aos seis colegas intelectuais em outras passagens da peça. Em outras palavras, os valores cômicos de Aristófanos parecem – talvez paradoxalmente – ter algo em comum com os filósofos representados nas *Nuvens*.

Longe de ser simplesmente anti-intelectual, as *Nuvens* em si mesmas são, creio eu, um tipo de comédia intelectualizante e autoconscientemente “inteligente”. Se a peça cria uma sensação de absurdidade em relação a muitas das características dos filósofos, ela também dirige o riso contra seu estúpido protagonista, Estrepsíades, que é completamente incapaz de entender qualquer coisa que Sócrates tente ensinar a ele. Assim sendo, a peça ainda clama por leitores sutis e “inteligentes” que possam apreciar sua complexa manipulação de ideias e que continuem a pensar e a argumentar a respeito do significado dos seus temas.

Toda tradução das *Nuvens* ajuda a angariar novos leitores para essa tarefa, a reavivar o interesse dos leitores existentes, e a manter viva a rica importância cultural da comédia. Dessa forma, fico muito feliz por ter esta oportunidade de dar calorosas boas-vindas à versão da peça produzida, sob a direção do Professor José Carlos Baracat Junior, pelo grupo formado por alunos e professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de outras instituições. Estou bastante impressionado pelo compromisso que essa empreitada representa. Espero que a tradução tenha traduzido satisfação àqueles que a produziram e que seja apreciada por aqueles que a lerão¹.

St. Andrews, Escócia, abril de 2013

¹ Traduzido por José Carlos Baracat Junior.

Aristófanes

As Nuvens

PERSONAGENS DA COMÉDIA:

Estrepsíades, um velho simplório e cheio de dívidas por causa de seu filho;
Fidípides, filho de Estrepsíades, *bon vivant* e viciado em corridas de cavalos;
Escravo de Estrepsíades (também chamado Xântias, no final da peça);
Discípulos de Sócrates;
Sócrates;
Coro de Nuvens;
Discurso Melhor;
Discurso Pior;
Credores.

Raphael Zillig, versos 1 a 152

ESTREPSÍADES:

Ai, ai... Ó Zeus Rei, como são grandes as noites! Intermináveis! Jamais nascerá o dia? E já faz tempo que ouvi o galo! [5] Os escravos roncam. Mas não o fariam em outros tempos. Que te danes, ó guerra – por muitas razões – pois nem posso castigar os escravos¹. E este valioso jovem aqui sequer acorda durante a noite, mas peida [10] embrulhado em cinco mantas. Bem, mas se esse é o jeito,

¹ Com a guerra do Peloponeso, tornou-se mais difícil exercer sobre os escravos o controle de outros tempos, uma vez que, com os ataques inimigos, eles tinham mais oportunidades para fugir e até mesmo juntarem-se aos exércitos inimigos para escapar de sua condição.

ronquemos debaixo das cobertas. Mas eu sou um desgraçado e não consigo dormir porque sou atormentado pelas despesas, pelo estábulo e pelas dívidas, tudo por causa deste meu filho aqui. De cabelos longos, [15] ele monta, conduz o carro de corridas e sonha com cavalos. Já eu, acabo-me ao ver a Lua que traz o vigésimo dia de cada mês², pois os juros crescem. Escravo, acende a lâmpada e traz a caderneta, para que eu [20] confira a quantas pessoas devo e calcule os juros. Vejamos, o que devo? Doze minas a Pásias. Doze minas a Pásias pelo quê? Para que as empreguei? Ah, quando comprei o cavalo puro-sangue³... Ai de mim, infeliz, antes me tivessem arrancado o olho com uma pedra!

FIDÍPIDES (*fala dormindo*):

[25] Fílon, estás cometendo uma falta! Anda na tua própria pista!⁴

ESTREPSÍADES:

É este o mal que me destruiu, pois mesmo dormindo ele sonha com cavalos.

FIDÍPIDES:

Quantas corridas correrão os carros de guerra?

ESTREPSÍADES:

A mim, teu pai, me fazes correr muitas corridas! [30] Mas que dívida me veio depois de Pásias? Três minas a Amínias pelo banquinho e as rodas.

FIDÍPIDES:

Leva o cavalo para casa depois de tê-lo limpo.

ESTREPSÍADES:

Mas, meu amigo, tu já me limpaste dos meus bens! Já perdi uma causa na justiça e outros [35] dizem que pretendem tomar minhas posses para cobrir os juros.

² No período final do mês eram computados os juros sobre empréstimos - razão da angústia de Estrepsíades.

³ Literalmente, "cavalo marcado com a letra *koppa*". A marca indica uma raça específica de cavalos.

⁴ Fidípides sonha com uma corrida na qual um adversário teria cortado a sua frente.

FIDÍPIDES (*acordando*):

Fala sério, pai, por que incomodas e ficas para lá e para cá durante toda a noite?

ESTREPSÍADES:

Pica-me um certo demarco⁵ que saiu dos lençóis.

FIDÍPIDES:

Meu caro, deixa-me dormir um pouco!

ESTREPSÍADES:

Dorme, então. Mas fica sabendo que todas essas dívidas vão [40] cair na tua cabeça. Ai... Quem me dera a casamenteira⁶ que me persuadiu a casar com a tua mãe tivesse tido uma morte horrível! Eu tinha uma vida campeira e dulcíssima, suja, sem insetos, à vontade [45], cheia de abelhas, gado e bagaço de azeitonas. Então, eu, homem do campo, casei-me com a sobrinha de Mégacles, filho de Mégacles, moça da cidade, orgulhosa, arrogante e caprichosa. Quando casei, deitei-me com ela [50] cheirando a mosto, figos secos, lã e abundância, ao passo que ela cheirava a mirra, açafraão, beijos ardentes, despesas, glutonia, Colíada⁷ e Genetilde⁸. Não direi que era ociosa, mas tecia. Eu, mostrando a ela este manto [55], dizia o seguinte, como pretexto: "mulher, teces demais"⁹.

ESCRAVO:

Não nos resta óleo na lâmpada.

ESTREPSÍADES:

Ai de mim! Por que me andaste acendendo a lâmpada gastadora? Vem aqui para que apanhes!

⁵ Autoridade anualmente eleita pelo demo (espécie de distrito). Estrepsíades refere-se ao demarco como se fosse um inseto a picá-lo durante a noite, oculto entre os lençóis.

⁶ Como as jovens das boas famílias raramente saíam à rua, a formação de novos casais frequentemente dependia da intermediação de senhoras de idade.

⁷ Epônimo da deusa Afrodite.

⁸ Deusa da geração e do nascimento.

⁹ Aparentemente, o verbo *spatháo* exprime atividade sexual também; cf. Dover, p. 101 e Henderson, p. 73 e 171.

ESCRAVO:

Mas por que devo apanhar?

ESTREPSÍADES:

Porque estavas botando na lâmpada um dos pavios grossos. [60] Depois disso, quando nos nasceu este filho meu e de minha boa mulher, logo brigávamos sobre o nome. Ela adicionava “hipo¹⁰” ao nome: “Xantipo”, “Caripo” ou “Calípides”, [65] já eu botava o nome do avô, “Fidônides”. Assim, por um tempo, portanto, divergimos. Então, finalmente, chegamos a um acordo e botamos “Fidípides”. Segurando esse filho, ela o acariciava: “Quando tu fores grande e conduzires um carro para a cidade, [70] como Mégacles, portando a túnica do campeão...”. Já eu dizia: “Ao contrário, quando conduzires os bodes para fora do Feleu¹¹, como o teu pai, vestindo gibão de couro...” Mas ele não deu qualquer atenção às minhas palavras e derramou a febre dos cavalos sobre as minhas posses. [75] Pois agora, pensando a noite inteira sobre uma saída, descobri um caminho terrivelmente extraordinário, um tal que, se eu convencer este aí, estarei salvo. Mas quero antes acordá-lo. Então, como eu poderia acordá-lo da forma mais doce? Como? [80] Fidípedes! Fidípidesinho!

FIDÍPIDES:

O que, pai?

ESTREPSÍADES:

Beija-me e dá-me a mão direita.

FIDÍPIDES:

Aqui está. O que é?

ESTREPSÍADES:

Diz-me: tens amor a mim?

FIDÍPIDES:

Sim, por Posêidon, o equestre¹²!

¹⁰ *Híppos*: “cavalo”, em grego.

¹¹ Possivelmente um demo rochoso; cf. Dover, p. 103.

¹² O cavalo é o animal sagrado de Posêidon.

ESTREPSÍADES:

Não me venhas com esse equestre, [85] pois esse deus é o responsável pelos meus males! Mas, se do fundo do coração me amas de verdade, filho, obedece.

FIDÍPIDES:

Devo obedecer-te em que, então?

ESTREPSÍADES:

Abandona o mais rápido possível o teu modo de vida e vai aprender o que te recomendarei.

FIDÍPIDES:

[90] Então diz: o que ordenas?

ESTREPSÍADES:

E obedecerás minimamente?

FIDÍPIDES:

Obedecerei, por Dionísio!

ESTREPSÍADES:

Então, olha para lá. Vês aquela portinha e a casinha?

FIDÍPIDES:

Vejo. E o que é mesmo isso, pai?

ESTREPSÍADES:

Esse é o Pensatório de sábias almas. [95] Lá vivem homens que, ao falarem, convencem que o céu é uma tampa de forno que nos envolve e que nós somos os carvões. E, se alguém lhes der dinheiro, eles o ensinam a vencer falando tanto coisas justas quanto injustas.

FIDÍPIDES:

[100] E quem são eles?

ESTREPSÍADES:

Não sei ao certo o nome. São pensadores reflexivos, homens belos e bons.

FIDÍPIDES:

Blergh!, São uns velhacos, bem sei. Estás falando daqueles charlatães branquelos e de pés descalços, entre os quais estão o miserável Sócrates e Querefonte.

ESTREPSÍADES:

[105] Epa, epa, cala a boca! Não digas bobagens! Se tens alguma consideração pelo sustento da casa paterna, torna-te um deles, deixando de lado os cavalos.

FIDÍPIDES:

Nem que me desses os faisões que Leógoras cria¹³!

ESTREPSÍADES:

[110] Vai, te imploro, ó mais querido dos homens, vai e deixa-te instruir.

FIDÍPIDES:

E o que queres que eu aprenda?

ESTREPSÍADES:

Dizem que há com eles dois discursos, o melhor, seja lá qual for, e o pior. Dizem que, desses dois argumentos, vence o último, o pior, [115] mesmo enunciando o que é mais injusto. Então, se me aprendesses esse discurso injusto, eu não pagaria um óbolo sequer a ninguém dessas dívidas – que agora devo por tua causa.

¹³ Leógoras era parente de Péricles e pai do orador Andócides. Criar pássaros exóticos parece ter sido um luxo típico da aristocracia ateniense.

FIDÍPIDES:

Eu não poderia obedecer, pois não suportaria ver [120] os cavaleiros com a minha cor desbotada.

ESTREPSÍADES:

Então, por Deméter, não devorarás os meus bens, nem tu, nem o cavalo de tração, nem o cavalo de raça¹⁴, mas vou é mandar-te desta casa para os diabos!

FIDÍPIDES:

Mas meu tio Mégacles não permitirá que eu fique [125] sem cavalo. Vou para dentro e não me preocuparei contigo.

ESTREPSÍADES:

Posso ter caído, mas não ficarei no chão. Depois de rezar aos deuses, terei de instruir-me, caminhando eu próprio ao Pensatório. Mas como eu, sendo velho, ruim de memória e lento [130], aprenderei as sutilezas dos raciocínios precisos? Devo ir. Por que fico enrolando assim e não bato à porta? Rapaz! Rapazinho!

DISCÍPULO:

Vai para os diabos! Quem bateu à porta?

ESTREPSÍADES:

Estrepsiades, filho de Fídon, do demo Cicina.

DISCÍPULO:

[135] És um ignorante, por Zeus, tu que desse modo tão inconsequente chutaste a porta e fizeste abortar uma reflexão recém-descoberta.

ESTREPSÍADES:

Perdoa-me, pois vivo em um canto remoto do campo. Mas me fala do assunto que foi abortado.

¹⁴ Literalmente, “cavalo marcado com a letra *san*”. Trata-se de um cavalo de raça diferente daquela do puro-sangue mencionado no verso 23.

DISCÍPULO:

[140] Não é permitido falar sobre isso, a não ser aos discípulos.

ESTREPSÍADES:

Pois então me fala sem receio, pois eu vim aqui ao Pensatório como discípulo.

DISCÍPULO:

Falarei, mas é necessário tomar essas coisas como mistérios. Sócrates acabou de perguntar a Querefonte [145] a que distância pula uma pulga, tomando por medida o tamanho dos pés dela própria – pois, tendo picado a sobrançela de Querefonte, pulou para a cabeça de Sócrates.

ESTREPSÍADES:

Então, como ele mediu?

DISCÍPULO:

Da maneira mais engenhosa. Tendo derretido cera e depois capturado a pulga, [150] mergulhou na cera os dois pés dela. Em seguida, a cera esfriou e formaram-se sapatinhos. Depois de soltar os sapatinhos, mediram cuidadosamente o espaço.

Nicoll Rosa, versos 153 a 297

ESTREPSÍADES:

Ó Zeus rei, que sutil inteligência!

DISCÍPULO:

Que tal, se ouvisses outra ideia de Sócrates?

ESTREPSÍADES:

[155] Qual? Me conta?.

DISCÍPULO:

Querefonte de Esfeto perguntou-lhe o que achava: se o mosquito zumbia pela boca ou pelo rabo.

ESTREPSÍADES:

E então? O que ele disse sobre o mosquito?

DISCÍPULO:

[160] Afirmava que o intestino do mosquito é estreito; e que o vento passa com força por ele, que é delgado, e vai direto para o rabo; em seguida, que o cu, adjacente à parte estreita, ecoa devido à força do vento.

ESTREPSÍADES:

[165] Então o cu dos mosquitos é uma trombeta! Ó triabençoador observador de entranhas! Sem dúvida, facilmente escaparia da justiça alguém que distingue o intestino do mosquito.

DISCÍPULO:

Mais cedo, um lagarto tirou-lhe um grande pensamento.

ESTREPSÍADES:

[170] Como assim? Me conta.

DISCÍPULO:

Quando ele investigava os trajetos e as revoluções da lua, à noite, com a boca aberta e a cabeça levantada, do telhado o lagarto cagou nele.

ESTREPSÍADES:

Adorei isso de o lagarto cagar na cabeça de Sócrates!

DISCÍPULO:

[175] E ontem à noite não tivemos jantar.

ESTREPSÍADES:

Ah é? E então como arranjou o que comer?

DISCÍPULO:

Na mesa salpicou uma camada de cinzas, curvou um espetinho, o usou como um compasso e surrupiou o manto da palestra, como aquele outro que também o fez, no ginásio¹⁵.

ESTREPSÍADES:

[180] E por que admiramos o tal Tales?! Abre, abre o Pensatório, vai! E me mostra Sócrates o mais rápido possível! Desejo me tornar seu discípulo: abre a porta. (*Entra e vê algumas figuras estranhas*) Ó Hércules, de onde vieram esses bichos?

DISCÍPULO:

[185] Por que o espanto? Com quem achas que são parecidos?

ESTREPSÍADES:

Com os prisioneiros lacedemônios que trouxeram de Pilos¹⁶. Mas por que aqueles ali estão olhando para a terra?

DISCÍPULO:

Procuram o que há debaixo da terra.

ESTREPSÍADES:

Então procuram cebolas¹⁷. Não vos preocupeis mais com isso, [190] pois eu sei onde há umas grandes e lindas! E o que estão fazendo aqueles ali bem abaixadinhos?

DISCÍPULO:

Esses estudam as profundezas do Tártaro.

¹⁵ Passagem controversa. Segundo Dover (p. 119-120), o roubo de roupas e de outros pertences em banhos públicos, ginásios e escolas de luta livre era uma categoria diferente de crime, severamente punida. Ele entende que a passagem queira significar "ele roubou seu manto da escola", como quem quer dizer "ele não é confiável".

¹⁶ Em 425, pouco tempo antes da encenação das *Nuvens*, os generais atenienses Cléon e Demóstenes haviam capturado 292 espartanos na ilha de Esfacteria, próxima a Pilos, que permaneceram presos até a paz de Nícias, em 421.

¹⁷ *Bolbós*, na verdade, designa vegetais que são raízes, tubérculos e bulbos.

ESTREPSÍADES:

E por que o cu fica olhando para o céu?

DISCÍPULO:

Ele estuda astronomia por conta própria. [195] (*Se dirige aos discípulos*) Entrai logo, para que ele não vos encontre.

ESTREPSÍADES:

Ainda não, ainda não! Deixe que fiquem, pois tenho ainda uma coisinha para lhes comunicar.

DISCÍPULO:

Não, eles não podem passar tanto tempo aqui fora ao ar livre.

ESTREPSÍADES:

[200] Pelos deuses, o que é isto? Me conta!

DISCÍPULO:

Esta é a astronomia.

ESTREPSÍADES:

E isto, o que é?

DISCÍPULO:

Geometria.

ESTREPSÍADES:

E serve para quê?

DISCÍPULO:

Para medir a terra.

ESTREPSÍADES:

A terra loteada¹⁸?

DISCÍPULO:

Que nada: toda a terra!

ESTREPSÍADES:

[205] Não deixa de ser uma ideia democrática e útil.

DISCÍPULO:

Olha aqui um mapa do mundo. Vês? Aqui é Atenas.

ESTREPSÍADES:

O quê? Eu não acredito, não estou vendo juízes sentados <no tribunal>.

DISCÍPULO:

Acredite, aqui é exatamente o território ático.

ESTREPSÍADES:

[210] E onde estão os meus amigos de Cicina?

DISCÍPULO:

Estão aqui. E a Eubeia, como vês, se estende bastante ao longo da costa.

ESTREPSÍADES:

Sei: ela foi esticada por nós e por Péricles¹⁹. Mas onde está a Lacedemônia?

DISCÍPULO:

Onde? Aqui!

18 Trata-se de porções de terra em países estrangeiros, conquistados por Atenas, que podiam ser divididos entre cidadãos.

19 Alusão à expedição comandada por Péricles a fim de reprimir uma rebelião Eubeia, em 446.

ESTREPSÍADES:

[215] Como está perto de nós! Presta atenção nisso e vê se a afasta para bem longe de nós!

DISCÍPULO:

Mas é impossível.

ESTREPSÍADES:

Por Zeus, depois não digam que não avisei! Mas olha só: quem é o cara dentro da cesta?

DISCÍPULO:

É o próprio.

ESTREPSÍADES:

O próprio quem?

DISCÍPULO:

Sócrates.

ESTREPSÍADES:

Oh, Sócrates! Chama-o para mim, mas alto.

DISCÍPULO:

[220] Chama-o tu mesmo; não tenho tempo.

ESTREPSÍADES:

Ô Sócrates! Ô Socratesinho!

SÓCRATES:

Por que me chamas, ó efêmero?

ESTREPSÍADES:

Primeiro me diz, eu te imploro, o que tu estás fazendo.

SÓCRATES:

[225] Caminho no ar e observo o sol.

ESTREPSÍADES:

Então tu observas os deuses da cesta, e não da terra?²⁰

SÓCRATES:

Eu não teria corretamente descoberto as coisas celestes se não tivesse suspenso o intelecto e o pensamento, [230] e misturado o pensamento, que é sutil, com o ar, que lhe é afim. Se, estando no chão, eu especulasse de baixo sobre as coisas de cima, nunca as teria descoberto. Porque a terra forçosamente atrai para ela mesma a seiva do pensamento. Agriões sofrem a mesma coisa.

ESTREPSÍADES:

[235] O quê? O pensamento atrai a seiva para os agriões? Então vem, Socratesinho, desce aqui comigo, que é pra me ensinares aquelas coisas pelas quais eu vim.

SÓCRATES:

E por que tu vieste?

ESTREPSÍADES:

Desejo aprender a falar; [240] sou pilhado, saqueado pelos juro e por insuportáveis credores, e confiscam meus bens.

SÓCRATES:

E como te endividaste sem perceber?

²⁰ No verso anterior, Aristófanes emprega o verbo *periphoneîn* ("abarcar com o pensamento") para o que Sócrates diz fazer; neste, ele colocar na boca de Estrepsíades o verbo *hyperphrênein* ("pensar do alto", isto é, "menosprezar"). Assim, Estrepsíades acredita que Sócrates menospreza os deuses do alto, e não do chão.

ESTREPSÍADES:

Fui atacado pela doença dos cavalos, a devoradora. Mas me ensina um dos teus dois discursos, [245] aquele que não paga as contas; e eu prometo pelos deuses que te pagarei qualquer recompensa que exija de mim.

SÓCRATES:

Vais jurar por quais deuses? Porque, em primeiro lugar, os deuses não são moeda corrente entre nós.

ESTREPSÍADES:

Então pelo que jurais? Pelos sidáreos, como em Bizâncio²¹?

SÓCRATES:

[250] Queres saber claramente como as coisas celestiais realmente são?

ESTREPSÍADES:

Sim, por Zeus, se é possível!

SÓCRATES:

E queres conversar com as Nuvens, nossas divindades?

ESTREPSÍADES:

Claro, quero muito!

SÓCRATES:

Então te senta neste sofá sagrado.

ESTREPSÍADES:

[255] Bom, já estou sentado.

²¹ Moeda cunhada em ferro usada em Bizâncio.

SÓCRATES:

Agora pega esta coroa.

ESTREPSÍADES:

Por que a coroa? Ai de mim, Sócrates, não me digas que ireis me sacrificar como Atamante²²!

SÓCRATES:

Não; isso tudo são coisas queque fazemos com os que estão sendo iniciados.

ESTREPSÍADES:

E eu, que ganho com isso?

SÓCRATES:

[260] Darás nó em pingo d'água, te tornarás uma matraca, biscoito fino. Mas fica quieto.

ESTREPSÍADES (*coberto de farinha por Sócrates*):

Por Zeus! Não vais me enganar: enfarinhado assim, vou me tornar um biscoito fino!

SÓCRATES:

Mister é que o velho homem guarde sacro silêncio e que escute a minha prece. O rei soberano, imensurável Ar, que mantém a terra suspensa, [265] e brilhoso Éter, e augustas deusas, as Nuvens, que enviam raios e trovões, subi, apareci no ar, ó senhoras, a este pensador!

ESTREPSÍADES:

Ainda não, ainda não, até que eu me tape para não me molhar. Que azar! Saí de casa sem uma capa!

²² Há possivelmente uma referência a uma tragédia perdida de Sófocles, *Atamante Coroado*, em que Atamante, casado com Néfele (Nuvem), quase é sacrificado.

SÓCRATES:

Então vinde, multi-honoráveis Nuvens, e mostrai-vos para este homem. Quer estejais sentadas nos cumes sagrados cobertos de neve do Olimpo, [270] quer nos jardins do Pai Oceano formeis sagrada dança com as Ninfas, quer retireis vossas águas das pias douradas das torrentes do Nilo, quer habiteis o lago Meótis, ou a rocha nevada de Mimas: escutai a minha prece, e recebei meu sacrifício, e sejais favoráveis aos ritos sagrados.

CORO:

[275] Eternas Nuvens, esplêndidas por nossa brilhante natureza orvalhada, elevemo-nos do ruidoso Pai Oceano para os picos das altas montanhas frondosas [280], para daí observarmos os cumes recortados no horizonte, e as frutas, e a sagrada terra irrigada, e os sons dos rios sagrados, e os rugidos ruidosos do mar; [285] e o incansável olho do Éter cintila com seus raios reluzentes. Dissipemos a nuvem aguada de nossas imortais formas e examinemos [290] a terra com olhos que veem longe.

SÓCRATES:

Ó grandemente veneráveis Nuvens, escutastes-me claramente clamar. (Fala para Estrepsíades) Ouviste a voz e o trovão que caiu ao mesmo tempo, temido como um deus?

ESTREPSÍADES:

Também vos venero, ó multi-honoráveis, e estou com vontade de peidar para os trovões; estou tremendo e morrendo de medo! [295] Se é lícito, aqui vai um pum; se não é lícito, quero cagar!

SÓCRATES:

Não zombes, nem faças o que fazem esses poetas tragicômicos, mas guarda silêncio: um grande enxame de deusas está em movimento com suas canções.

Luciano Heidrich Bisol, versos 298 a 456

CORO:

Ó virgens trazedoras da chuva, vamos ao reluzente solo de Palas, para

ver a muito amada terra [300] de Cécrope²³, geradora de bons homens, onde há reverência aos ritos ocultos e onde está a casa que recebe os iniciados nos sacros mistérios; [305] onde há para os deuses celestes oferendas, e templos de altas abóbodas e estátuas, e procissões abençoadas e bem-coroadas festas com sacrifícios aos sacros deuses [310] em todas as estações; e, na primavera, há a festa para Bromo, com provocações de coros afinados acompanhados pelo som grave dos aulos²⁴.

ESTREPSÍADES:

Por Zeus, te imploro, ó Sócrates, diz quem são estas que [315] cantam esse hino sagrado? São heroínas?

SÓCRATES:

Não, são as Nuvens do céu, grandes divindades para os homens ociosos. Elas nos dão o pensamento, a capacidade de falar e a inteligência, o assombro e a circunlocução, o embate e a compreensão.

ESTREPSÍADES:

Por ouvir essa voz minha alma se alça voo, [320] e já procura discutir sutilezas, falar sobre a fumaça; também contradizer e opor argumentos contra argumentos. Assim, desejo vê-las pessoalmente, se for possível.

SÓCRATES:

Olha agora para o Parnaso. Pois já as enxergo descendo calmamente.

ESTREPSÍADES:

Onde? Me mostra!

SÓCRATES:

Elas vêm em grande número descendo obliquamente pelos vales e bosques.

²³ Mítico primeiro rei de Atenas, metade homem e metade serpente, nascido da terra.

²⁴ Instrumento de sopro composto por uma flauta dupla.

ESTREPSÍADES:

Que troço é esse? Eu não vejo.

SÓCRATES:

Perto da entrada.

ESTREPSÍADES:

Ah, com esforço começo a avistá-las.

SÓCRATES:

Agora as verás perfeitamente, se não tens remela nos olhos.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Zeus, agora eu as enxergo, as muito honradas Nuvens, pois já ocupam todo o espaço.

SÓCRATES:

Tu não sabias que eram deusas nem acreditava nelas?

ESTREPSÍADES:

[330] Não, por Zeus! Mas considerava que fossem névoa, orvalho e fumaça.

SÓCRATES:

Pois não sabes, por Zeus, que elas alimentam a muitos sofistas²⁵, aos adivinhos de Túrios²⁶, aos mestres da medicina, aos caipiras cabeludos preguiçosos preocupados com seus anéis de ônix e suas unhas, aos cantores de música torta para coros cíclicos e aos astrônomos charlatães; a todos esses que não trabalham a terra, alimentam porque as celebram em seus cantos.

²⁵ O termo *sophistês*, à época de Aristófanes, ainda podia significar “instrutor de uma arte” e ser aplicado a poetas e músicos. A presente passagem pode ser o mais antigo exemplo de uso do termo com o sentido pejorativo de “instrutor de habilidade supérflua, enganador”.

²⁶ A fundação da colônia Ateniense de Túrios (entre 446 e 443 a.C.), a sudeste da Península Itálica, foi ocasião de muitas adivinhações e profecias.

ESTREPSÍADES:

[335] É por isso que cantavam “o ímpeto veloz das úmidas Nuvens que lançam raios ziguezagueantes”, “os cabelos eriçados de Tífon de cem cabeças”, e “os ciclones violentos”, e depois os “úmidos aéreos”, e “as aduncas aves de rapina que cortam o ar”, e “as torrentes de chuva das nuvens molhadas”²⁷. Como recompensa por estes cantos, devoram as maiores e melhores fatias da carne de tordo.

SÓCRATES:

[340] Mas não é justo que eles tenham sua recompensa por cantarem para elas?

ESTREPSÍADES:

Mas me diz: o que lhes aconteceu, se é que são nuvens mesmo, para se parecem com mulheres mortais? Porque aquelas ali não são assim <como as nuvens que conheço>.

SÓCRATES:

Qual a natureza delas?

ESTREPSÍADES:

Não distingo claramente o que são: agora se parecem com algodões voadores, e não com mulheres, por Zeus, pois essas possuem narizes.

SÓCRATES:

[345] Responde agora o que te eu perguntar.

ESTREPSÍADES:

Diz logo o que desejas.

SÓCRATES:

Acaso já avistaste nuvens em forma de centauro, de leopardo, de lobo, ou de touro?

²⁷ Estrepsíades parodia o estilo de poetas líricos como Simônides, Píndaro e Baquilides.

ESTREPSÍADES:

Eu já vi, por Zeus, mas o que significa isso?

SÓCRATES:

Elas se transformam em tudo o que querem. E se elas veem alguém com longos cabelos, um selvagem desgrenhado como o filho de Xenofante, [350] gozam da loucura dele e se transformam em centauros.

ESTREPSÍADES:

E se avistam Simon, o ladrão do tesouro público, o que fazem?

SÓCRATES:

Para revelar sua natureza, tomam a forma de lobos.

ESTREPSÍADES:

Por isso, então, ontem, quando viram Cleônimo, o desertor, ao avistar o covarde tomaram a forma de veados.

SÓCRATES:

[355] E agora que viram Clístenes, tomam a forma de mulheres, estás vendo?

ESTREPSÍADES:

Salve, ó senhoras! Agora, se alguma vez já o fizestes para outro mortal, sobre mim também derramai vossa voz celestial, ó senhoras de tudo.

CORO:

Salve, ó ancião de muitos anos, caçador dos discursos cheios de arte, E tu, sacerdote das bobagens mais sutis, mostra-nos o que desejas. [360] Pois a nenhum outro sofista astrônomo escutamos com tanto prazer como a ti, exceto a Pródico, devido a sua sabedoria e conhecimento; mas a ti ouvimos pela arrogância com que andas nas ruas, dirigindo teu olhar para o alto, e por todo o sofrimento em andar sempre com os pés descalços, dirigindo a nós tua figura imponente.

ESTREPSÍADES:

Ó Terra, que voz! Como é sagrada, venerável e maravilhosa!

SÓCRATES:

[365] Elas são as únicas deusas que existem, todas as outras são tolices.

ESTREPSÍADES:

Pela Terra! Zeus Olímpio não é um deus para vós?

SÓCRATES:

Que Zeus? Não sejas bobo. Não existe Zeus.

ESTREPSÍADES:

O que dizes? Mas quem é que faz chover? Revela-me isto antes de tudo.

SÓCRATES:

São elas, certamente. Vou ensinar-te com grandes evidências. [370] Responde, já viste alguma vez chover sem nuvens? Fosse Zeus, deveria chover com tempo bom também, quando elas estão longe.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Apolo. Teu argumento me convence bem. Antes acreditava que, para chover, Zeus fazia xixi em uma peneira. Mas me diz: o que é o trovão? Ele me faz tremer.

SÓCRATES:

[375] Elas trovejam quando giram.

ESTREPSÍADES:

De que maneira, ó muito ousado?

SÓCRATES:

Quando ficam cheias de muita água e necessitam se mover, precisam ir para baixo, cheias de chuva; elas caem pesadas umas sobre as outras, colidem e se rompem com explosão.

ESTREPSÍADES:

E quem é que as obriga a moverem-se, não é Zeus?

SÓCRATES:

[380] Não, mas o Vórtex²⁸ do céu.

ESTREPSÍADES:

Vórtex? Eu não sabia que Zeus não existia, e sim um Vórtex é que reinava. Mas ainda não me ensinaste sobre a explosão e o trovão.

SÓCRATES:

Não me escutaste falar que as nuvens cheias de água caem umas sobre as outras e se rompem devido à sua densidade?

ESTREPSÍADES:

[385] Vamos! Como posso acreditar nisso?

SÓCRATES:

Eu vou te ensinar a partir de ti próprio. Quando te enches de sopa nas Panateneias²⁹, não ficas com dor na barriga e então ela de repente faz um barulho violento.

²⁸ O termo *vórtex* (*dínos*) diz respeito a diversas teorias gregas da formação do universo. Empédocles utilizou *díne* para demonstrar que o céu rodava em alta velocidade ao redor da Terra. Anaxágoras estabeleceu o postulado da rotação como princípio universal, mas utilizou o termo *perikhorein*. A rotação foi ainda fundamental para os atomistas Leucipo, Demócrito e Antífon que também usaram o termo *dínos*. Para a audiência de Aristófanes, *dínos* significava ainda uma espécie de vasilha.

²⁹ Festival público ateniense em honra da deusa Atena. As "pequenas" Panateneias ocorriam anualmente e as "grandes" Panateneias, uma vez a cada quatro anos. A festa era ocasião de muitos sacrifícios de animais e grande comilança de carne e de caldos.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Apolo! E em seguida ela me atormenta e se agita como se o molho fosse um trovão e estoura: [390] primeiro faz pa-pax, pa-pax; para então fazer pa-pa-pax; e quando alivia troveja: pa-pa-pa-pax, exatamente como as nuvens.

SÓCRATES:

Observa então o estrondo que tu produziste com uma barriga tão pequena: o ar sendo tão imenso, como não faria um trovão enorme? E é por isso que as palavras “trovão” e “peidão” são parecidas.

ESTREPSÍADES:

[395] Mas de onde vem o raio resplendente com fogo? Ensina-me! Ele reduz a cinza quem atinge, e chamusca os que sobrevivem. É certamente Zeus quem lança os raios contra os perjuros.

SÓCRATES:

Então como, imbecil com cheiro de tempos remotos e lunático? Se ele castiga os perjuros, porque não fulminou Simon, [400] nem Cleônimo, nem Téoro? Pois eles são bastante perjuros. Ao invés disso, destruiu seu próprio templo e o promontório de Atenas em Súnio³⁰, e as grandes árvores. Por quê? Pois uma árvore nunca é mentirosa.

ESTREPSÍADES:

Não sei. Mas tu parece falar bem. O que é, pois, o raio?

SÓCRATES:

Quando um vento seco sobe e encerra-se [405] dentro das nuvens, ele as infla por dentro como uma bexiga. Depois, por necessidade, expele violentamente para fora o que carrega devido à densidade. A força estrondosa que libera faz com que ele incendeie a si mesmo.

³⁰ Localizado no extremo sul da Península Ática, o cabo de Súnio abrigou o grandioso templo de Poseidon, e um templo menor e mais antigo dedicado a Atena. Ambos foram destruídos em 480 na segunda Guerra Médica e reerguidos por Péricles em meados do século quinto.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Zeus! Aconteceu-me exatamente isto certa vez nas Diásias³¹. Eu assava um mondongo para os meus parentes, mas não o abri corretamente. [410] E ele inchou muito. Então, de repente, explodiu bem no meu olho e queimou completamente meu rosto.

CORO (para Estrepsíades):

Ó homem desejoso de nossa grande sabedoria, venturoso serás entre os Atenienses e os demais Gregos se tiveres memória, preocupação e [415] sofrimento na alma; se não te cansares nem parado nem andando, nem no frio mais penoso; se não desejares almoçar e te abstiveres do vinho, praticares ginástica e outros exercícios; e considerares isso a maior qualidade que cabe a um homem direito; e se venceres no trabalho, no conselho e nos embates da língua.

ESTREPSÍADES:

[420] Se for preciso uma alma sólida, que dorme descontente e inquieta, acostumada com a pobreza, e um estômago desgastado por ervas amargas, tranquilamente podeis contar comigo: minha coragem é forjada em bronze.

SÓCRATES:

Então, agora não reconhecerás outros deuses senão os nossos: esse Caos, as Nuvens e a Língua, somente esses três.

ESTREPSÍADES:

[425] Não falarei com outros, nem mesmo se os encontrar; não lhes farei sacrifícios nem libações, nem oferecerei incensos.

CORO:

Diz corajosamente o que desejas de nós, pois não ficarás sem sorte se nos honrares, admirares e procurares ser um homem direito.

ESTREPSÍADES:

Ó senhoras, peço-vos algo muito pequeno: ser o melhor orador [430] dentre

³¹ Festival em honra a Zeus de grande importância para os Atenienses, realizado na segunda metade do mês de Antestérion (janeiro/ fevereiro).

os gregos, mil quilómetros à frente dos outros.

CORO:

Conseguirá de nós o que desejas: no tempo que virá, ninguém terá mais vitórias nas assembleias do que tu.

ESTREPSÍADES:

Não quero dizer grandes sentenças, não desejo isso. Quero apenas perverter a justiça a meu favor e escapar dos credores.

CORO:

[435] Obterás então o que desejas: pois não solicitas grande coisa. Mas deverás entregar-te sem medo às mãos de um de nossos sacerdotes.

ESTREPSÍADES:

Farei o que vós solicitais, pois a necessidade me obriga por causa dos cavalos puro-sangue e do casamento que me arruinou. Agora deixo que elas me usem como quiserem; [440] entrego o meu corpo para golparem, para passar fome, sede, ficar esquelético, passar frio, esfolar minha pele. E, se for preciso, para que eu escape das dívidas, que eu tenha fama de homem [445] atrevido, caloteiro, audacioso, valentão, sem vergonha, forjador de mentiras, tagarela, frequentador de tribunal, tábua de leis, adulator, raposa, furão, cordão maleável, fingido, grudento, impostor, ferrão de abelha, [450] impuro, esquivo, penoso, lixo. Se me chamarem de tudo isso, quando me encontrarem, podem fazer comigo o que bem entenderem. E se desejarem, [455] por Deméter, arranquem meus intestinos e os sirvam aos pensadores.

Versos 457 a 594, Cesar Lopes Gemelli

CORO:

É determinação que está mesmo presente neste aí, covardia não, mas coragem! Sabe, então, que [460], depois de aprenderes comigo essas coisas, terás glória celestial entre os mortais³².

³² *Ouranomékes* ("alto como o céu"), segundo Dover (p. 160), é um conceito homérico (cf. *Iliada*, VIII, v. 192).

ESTREPSÍADES:

O que ganharei com isso³³?

CORO:

Durante todo o tempo comigo, [465] viverás a vida mais invejável dentre os homens.

ESTREPSÍADES:

Será mesmo que eu verei isso um dia?

CORO:

Dessa forma, à tua porta, sempre haverá muitos [470] querendo te consultar e te ouvir sobre ações e acusações que valerão muitos talentos devido à tua inteligência, [475] a fim de se aconselharem contigo. (*Para Sócrates*) E tu tenta expor ao velho o que vais ensinar, esquadrinha a mente dele e testa sua inteligência.

SÓCRATES:

Então vamos, me conta qual é teu tipo, para que eu, conhecendo-o, possa [480] agora mesmo apresentar-te maquinações novas para os teus problemas.

ESTREPSÍADES:

Quê? Pretendes me sitiar, pelos deuses?

SÓCRATES:

Não, mas quero ouvir umas breves palavras de ti: se tens boa memória, por exemplo.

ESTREPSÍADES:

Sim e não, por Zeus! Se alguém está me devendo, lembro perfeitamente,

³³ Dover (p. 160) comenta que o uso de *peisomai* (literalmente, "sofrerei", "experimentarei") é esperançoso, e não apreensivo. Ainda segundo o autor, o termo tem relação com o vocabulário legal como o encontrado em contratos e tratados, sendo assim menos poético do que se julgava anteriormente.

[485] mas se sou eu o desgraçado que está devendo, esqueço completamente.
SÓCRATES:

E tens o dom da oratória?

ESTREPSÍADES:

Orar não, só calotear.

SÓCRATES:

Como então poderás aprender?

ESTREPSÍADES:

Dá-se um jeito.

SÓCRATES:

Certo, vamos fazer assim: quando eu jogar alguma sabedoria [490] acerca dos fenômenos celestes, imediatamente a pegarás no ar.

ESTREPSÍADES:

O quê? Vou comer sabedoria como um cachorro?

SÓCRATES:

Este homem aqui é ignorante e bárbaro! Temo, velho, que tu precisas do relho. Aliás, deixa-me ver: que farias se alguém te batesse?

ESTREPSÍADES:

Apanho [495] e, depois de esperar um pouco, convoco testemunhas; então, outra vez, depois de esperar mais um pouco, abro um processo.

SÓCRATES:

Vamos lá, agora tira a roupa.

ESTREPSÍADES:

Que fiz de errado?
SÓCRATES:

Nada, mas o hábito aqui é entrar pelado.

ESTREPSÍADES:

Mas eu não vim para buscar coisas roubadas³⁴.

SÓCRATES:

[500] Tira! Para que o lero-lero?

ESTREPSÍADES:

Então, me diz agora isto: se eu for atento e dedicado no estudo, com qual dos teus alunos me parecerei?

SÓCRATES:

Em nada serás diferente da natureza de Querefonte.

ESTREPSÍADES:

Ai de mim, desgraçado, serei meio-morto!

SÓCRATES:

[505] Não matraqueies, mas me segue, te aligeira, aqui, mais rápido.

ESTREPSÍADES:

Agora põe nas minhas mãos um bolo de mel antes do resto, porque eu estou com medo de entrar aí embaixo, como se estivesse entrando no templo de Trofônio³⁵.

³⁴ Na lei ateniense, quem era roubado tinha o direito de vasculhar uma casa à busca do que lhe tivesse sido roubado. Entretanto, a preocupação em tirar a roupa antes de entrar era mais para evitar que a pessoa introduzisse um objeto, a fim de incriminar outra pessoa, do que evitar que roubasse coisas da casa vasculhada, como sugere Aristófanes aqui (cf. Dover, p. 163).

³⁵ Herói da Beócia cuja caverna era local de visitação ritual. Para obter respostas oraculares do herói, entrava-se num assustador ambiente subterrâneo repleto de serpentes oferecendo-se uma espécie de bolo de mel (cf. Dover 163).

SÓCRATES:

Anda! Por que te abaixas³⁶ hesitante diante da porta?

CORO³⁷:*Kommátion*

[510] Mas, vai! Alegria-te por causa dessa tua coragem! E que haja felicidade para este homem porque, alcançando o fundo dos anos, [515] tingiu seu ser com assuntos mais jovens e cultivava a sabedoria.

Parábase:

Ó espectadores, contar-vos-ei livremente verdades, por Dionísio, que me nutriu. [520] Que eu possa assim vencer e ser chamado sábio; dado que vos considero um público inteligente e estimo que esta é a mais sábia das minhas comédias, quis dar-vos a primeira prova desta comédia, que me deu trabalho máximo. Eu antes recuava derrotado [525] por homens acanalhados, indigno. Por isso culpo vossos entendidos, por causa dos quais escrevi essa peça. Mas nem assim abandonarei os sagazes entre vós, pois disso, dos homens dos quais me é agradável aqui falar, tanto o prudente e quanto o devasso³⁸ escutaram o primeiro prêmio. [530] E eu, porque ainda era virgem e não me era permitido dar a luz, expus a criança, e um outro, tendo a adotado, criou-a, e vós nobremente a alimentastes e educastes, e desde então tenho promessas de vossa decisão por mim. Agora, portanto, como a famosa Electra, esta comédia [535] vem almejando, encontrar um público inteligente assim. Pois reconhecerá, caso veja, o cacho do irmão. E percebi como ela é casta por natureza que em primeiro lugar entrou em cena sem ter costurado na roupa um falo grosso de couro³⁹ e vermelho na ponta para fazer rir os meninos. [540] Nem debochou dos carecas,

36 Henderson (p. 179-180) elucida que *kýptein* – “inclinar-se para frente para penetração vaginal ou anal” – também está presente em *Tesmoforiantes* (488ss.) em que a esposa adúltera é penetrada dessa mesma forma pelo seu amante. Há também um duplo sentido no verso 161 de *Lisístrata*, em que Lisístrata aconselha às suas companheiras, se seus maridos tentarem estuprá-las: “segurai-vos no batente da porta”. Outras referências a essa forma de relação sexual aparecem em contextos de estupro ou dominação sexual violenta³⁸.

37 Segue-se um longo trecho coral, que vai do verso 510 ao 627, e que pode ser decomposto nas seguintes partes: versos 510-517, *kommátion* ou saudação; 518-562, parábase propriamente dita; 563-574, ode; 575-594, epirrema; 595-606, antode; 607-626, antepirrema.

38 O sentido original de *katapygón*, como nota Dover (p. 167), remetendo à etimologia da palavra, é “homem praticante de sexo anal”, mas ganhou uma conotação generalizada de insulto ou desprezo.

39 Sem ter costurado um falo de couro na roupa como era comum aos atores desempenhando papéis masculinos, embora isso não possa ser provado. Segundo Dover (p. 168) no verso 540 e seguintes, Aristófanes estaria expondo seu desprezo por alguns recursos humorísticos que teriam sido utilizados por outros poetas.

não dançou a córdax⁴⁰, nem o velho falando os versos bate com a bengala em quem quer que esteja no palco, para esconder o humor execrável, também não entrou correndo no palco segurando tochas, nem gritando “Ai ai ai!” Ela veio, porém, confiando nos versos. [545] E eu, embora seja um poeta tão bom, não me descabelo, nem tento vos enganar apresentando duas e três vezes as mesmas coisas, mas, sempre arguto, introduzo novas formas nada parecidas umas com as outras e todas finas. Quem golpeou Cléon na barriga no auge de seu poder [550] e não suportava pisoteá-lo uma vez que ele estava no chão? Mas esses aí, uma vez que imobilizaram Hipérbolo no chão, pisotearam o desgraçado sem parar. E sua mãe também. Êupolis⁴¹, de fato, primeiro apresentou a Marica⁴², terrível de ruim, virando do avesso⁴³ os meus *Cavaleiros*⁴⁴, [555] tendo acrescentado uma velha bêbada por causa da córdax, que Frínico⁴⁵ já tinha poetizado antes, em que o monstro-do-mar a devorava. Então, novamente Hermipo⁴⁶ escreveu versos sobre Hipérbolo, e agora todos os outros se aproveitam de Hipérbolo, imitando meus símiles com enguias. [560] Quem quer que, portanto, ria dessas coisas, não se regozije com as minhas, e se acaso regozijais comigo e minhas invenções, em outros tempos julgareis ser esclarecidos.

Ode

Altivo, entre os deus, absoluto, grande Zeus, para o coro [565] primeiro invoco. E o poderoso mestre do tridente, levantador magnífico da terra e do mar salgado e nosso glorioso pai [570] augustíssimo Êter, provedor de toda vida. E condutor de cavalos que derrama esplêndidos e brilhantes raios na planície da terra, poderosa divindade entre mortais e imortais.

Epirrema

[575] Ó inteligentíssimos espectadores, prestai atenção aqui: injustiçados por vós, vos recriminamos cara a cara. Uma vez que a cidade se beneficia acima de tudo com o auxílio de todos os deuses, apenas a nós entre as divindades não sacrificais nem libais, nós que zelamos por vós. Pois caso haja alguma expedição [580] burra, então chovemos e trovejamos. E, quando escolhiam o curtidor de Pafaglônia, odiado pelos deuses, como general, franzimos a testa e ficamos

40 Dança burlesca típica da comédia.

41 Êupolis (446-411 a.C.) foi um dos expoentes da Comédia Antiga, inicialmente amigo de Aristófanes, mas depois inimigo notório.

42 Comédia produzida na Lenaia de 421 em que Hipérbolo era representado (cf. Dover, p. 170).

43 Para fazer as roupas durarem mais, era comum virá-las do avesso. Há uma possível réplica de Êupolis no fragmento 78 em que alega ter ajudado Aristófanes a escrever os *Cavaleiros* e lhe ter dado como presente (cf. p. 179).

44 Título de uma comédia de Aristófanes.

45 Comediógrafo ateniense um pouco mais velho do que Aristófanes.

46 Outro comediógrafo grego, cerca de dez anos mais velho do que Aristófanes.

aterrorizados. O trovão relampejou pelo raio, a lua esqueceu seu caminho, o sol [585] retraiu para si mesmo seu pávio e disse que não ia brilhar para vós se Cléon fosse general. Mas mesmo assim o escolheste, porque dizem que maus conselhos habitam esta cidade. E, apesar de tudo, sejam quais forem os vossos erros, os deuses os transformam em coisas melhores. [590] E facilmente explicaremos como isso se tornará útil. Se condenásseis o ganancioso Cléon por aceitar subornos e por roubo e amarrásseis seu pescoço ao tronco, então tudo voltaria a ser como antes, e se algo errado fizésseis, [594] a questão se tornaria um bem para a cidade.

Bruno Ceretta Schnorr, versos 595 a 752

Antode

[595] Vem para o meu lado, Febo, senhor dos Délíos⁴⁷, que habita o mais alto pico do monte dos Cíntios, e tu, abençoada deusa⁴⁸, que em Éfeso habita uma casa dourada, onde as donzelas [600] Lídias prestam a ti grande referência, e tu, deusa do nosso país, regente da égide⁴⁹, Atenas, guardiã da cidade, e tu, habitante do Monte Parnaso⁵⁰, que brilha entre os archotes [605] no meio das Bacantes Délficas, Dioniso, amigo da festa⁵¹.

Antepirrema

Quando estávamos preparados para vir para cá, a Lua encontrou-nos e nos comandou, primeiramente, a saudar os atenienses e seus aliados. [610] Depois se confessou irritada, pois havia sofrido coisas terríveis, embora ajude a todos vós, não com palavras, mas com luminosidade. De início, não menos que uma dracma todo mês em archotes, tanto que todos dizem ao entardecer “servo, não compre um archote, pois a luz do luar está linda”. [615] Afirma ainda que confere outros benefícios a vós, mas que deixais transcorrer os dias de forma não correta, mas que fazeis uma algazarra⁵² de cima para baixo: tanto que resisto aos deuses toda vez que voltam para a casa sem ter encontrado a festa, de acordo com o calendário. [620] Assim, quando deveis fazer sacrifícios, torturais e julgais. Muitas vezes, enquanto nós, os deuses, jejuamos e ficamos de luto por Mêmnon ou Sarpédon⁵³, vós fazeis libações e dais risadas. Foi por isso que de Hipérbolo, sorteado este ano para ser

47 Segundo a mitologia, Apolo nasceu em Delos, junto com sua irmã Ártemis.

48 Ártemis, que possui um grande templo em Éfeso.

49 Escudo infrangível, forjado por Hefesto.

50 Ponto extremo da cadeia de montanhas ao norte de Delfos. Era consagrado a Apolo e Dioniso, desde os tempos antigos.

51 *Kômos* é uma procissão jocosa em homenagem a Dioniso, e também uma festa de rua em honra a uma vitória.

52 Alusão ao ateniense Méton, nascido em 453 a.C. propôs uma reforma no calendário, que alterou as datas festivas.

53 Dois heróis, descendentes dos deuses, que morreram heroicamente lutando por Tróia.

hieromnemo⁵⁴, nós, os Deuses, [625] tiramos sua coroa. Pois assim saberá que é preciso contar os dias de vida de acordo com a Lua.

SÓCRATES (*saindo do Pensatório*):

Pela Respiração, pelo Caos, pelo Ar! Eu não vi homem algum nem tão grosseiro, nem tão impraticável, nem tão estúpido, nem tão esquecido: [630] que, enquanto aprende coisas insignificantes, esquece-as antes de aprender. Mesmo assim, vou chamá-lo aqui para a luz, fora da porta. Onde está Estrepsíades? Sai e traz o catre.

ESTREPSÍADES:

Mas os percevejos não me permitem levá-lo para fora.

SÓCRATES:

[635] Apressa-te, coloca-o no chão e presta atenção.

ESTREPSÍADES:

Bem.

SÓCRATES:

Vamos, o que desejas aprender primeiro, agora, das coisas que nunca te ensinaram? Diz! Sobre a métrica, ou sobre os versos, ou ritmos?

ESTREPSÍADES:

Sobre a métrica por mim: pois há pouco [640] fui enganado por um farinheiro em duas medidas⁵⁵.

SÓCRATES:

Não te pergunto isso, mas sim qual metro julgas mais bonito: o trímetro ou o tetâmetro⁵⁶?

54 Um dos magistrados religiosos do conselho de uma Anfíctonia, que era uma irmandade que se reunia em um santuário, a fim de celebrar sacrifícios, jogos e festejos.

55 Sócrates se refere à métrica como medida poética, mas Estrepsíades acha que ele está tratando de medidas de quantidade.

56 Dois tipos de versos poéticos gregos.

ESTREPSÍADES:

Eu nada coloco acima da quarta⁵⁷ de litro.

SÓCRATES:

Quanta bobagem!

ESTREPSÍADES:

[645] Aposta agora comigo se o tetrâmetro não é uma quarta de litro.

SÓCRATES:

Vai para o inferno! Como és rústico e burro! Talvez pudesses aprender sobre os ritmos mais rápido.

ESTREPSÍADES:

Para que me ajudarão os ritmos no pão de cada dia?

SÓCRATES:

Em primeiro lugar, é refinado em uma reunião [650] perceber qual dos ritmos é o enóplio⁵⁸ e qual é o dactílico⁵⁹.

ESTREPSÍADES:

Dactílico? Por Zeus, mas eu sei.

SÓCRATES:

Dize, então.

ESTREPSÍADES (*mostrando o dedo indicador*):

Que outro dáctilo há além deste? De fato, quando era criança, usava este.

57 Novo equívoco de Estrepsíades: confunde tetâmetro (quatro pés métricos) com quarta de litro.

58 Ritmo próprio de danças guerreiras.

59 Trocadilho, pois dáctilo tanto é o dedo como uma medida rítmica.

SÓCRATES:

[655] És um rústico e um desajeitado

ESTREPSÍADES:

Ô infeliz, não desejo aprender nada disso.

SÓCRATES:

Mas o que, então?

ESTREPSÍADES:

Aquilo! Aquilo! O discurso mais injusto!

SÓCRATES:

Mas antes disso é preciso que tu aprendas outras coisas, como quais são os quadrúpedes masculinos, exatamente.

ESTREPSÍADES:

[660] Mas eu sei os machos, se não estou louco: carneiro, bode, touro, cão e pássaro⁶⁰.

SÓCRATES:

Vês o que acontece? Chamas a fêmea de pássaro assim como o macho.

ESTREPSÍADES:

Como então?

SÓCRATES:

Como? Pássaro e pássaro.

ESTREPSÍADES:

[665] Sim, por Posêidon. Mas como eu devo chamar?

60 No original grego está *alektryón*, galo; devido à confusão de gêneros, foi substituído por pássaro.

SÓCRATES:

Pássara, e o outro pássaro.

ESTREPSÍADES:

Pássara? Está bem pelo Ar: por esta única lição, vou encher de farinha até a borda da tua *kárdopos*⁶¹.

SÓCRATES:

[670] Ei, de novo outro: chamas *kárdopos* no masculino, feminino sendo.

ESTREPSÍADES:

Como? Chamo a *kárdopos* de macho?

SÓCRATES:

Sim, assim como quando dizes Cleônimo.

ESTREPSÍADES:

Como assim? Mostra.

SÓCRATES:

Tu atribuis o mesmo gênero a *kárdopos* e a Cleônimo?

ESTREPSÍADES:

[675] Mas, meu caro, Cleônimo não tinha nenhum *kárdopos*. Mas amassava em um pilão redondo. Afinal, como eu devo chamar?

SÓCRATES:

Como? A *kárdopa*, como a chama Sóstrates.

⁶¹ *Kárdopos* é palavra feminina com forma masculina em grego e significa masseira, gamela. Nesta passagem e nos versos 676 e 680, Aristófanes pretende chamar a atenção para a pederastia de Cleônimo.

ESTREPSÍADES:

A *kárdopa*? No feminino?

SÓCRATES:

Agora falas corretamente!

ESTREPSÍADES:

[680] Assim, seriam: *kárdopa* e Cleônima.

SÓCRATES:

Acerca dos nomes próprios é preciso que tu aprendas ainda quais são masculinos e quais são femininos.

ESTREPSÍADES:

Mas eu sei quais são femininos.

SÓCRATES:

Diz então.

ESTREPSÍADES:

Lisila, Filina, Clitágora, Demétria.

SÓCRATES:

[685] E quanto aos nomes próprios masculinos?

ESTREPSÍADES:

Milhares: Filóxeno, Melésias, Amínias⁶².

SÓCRATES:

Mas, ó idiota, estes não são masculinos.

⁶² Homossexuais notórios; Filóxeno é mencionado também nas *Vespas*.

ESTREPSÍADES:

Não são masculinos para vós?

SÓCRATES:

De modo algum! Se o encontrasses, como chamarias Amínias⁶³?

ESTREPSÍADES:

[690] Como? Assim: "aqui, aqui, Amínia"!

SÓCRATES:

Vês? Chamas Amínias de mulher.

ESTREPSÍADES:

Mas não é o justo, tendo em vista que *ela* não faz o serviço militar? Mas por que aprendo o que todos nos sabemos?

SÓCRATES:

Para nada, por Zeus. Mas deita-te aqui (*aponta para o catre*).

ESTREPSÍADES:

Que faço?

SÓCRATES:

[695] Pensa em algum dos teus problemas.

ESTREPSÍADES:

Tá, mas lá não, eu te suplico! Se é preciso, me deixa pensar neles no chão.

⁶³ Maliciosamente, Sócrates pede que Estrepsiades dê o vocativo deste nome, que tem a forma de um grande número de palavras femininas no grego. Escrevo "Amínia" na sequência, tentando reproduzir esse efeito.

SÓCRATES:

Não é lícito de outro jeito.

ESTREPSÍADES:

Desgraçado de mim! (Deitando-se no catre). Os percevejos vão judiar de mim hoje.

CORO:

[700] Reflete⁶⁴, examina atentamente e concentra-te, revolvendo de todo modo. Rápido, sempre que num embaraço caíres, salta [705] para outro pensamento do teu cérebro: que o doce sono se afaste dos teus olhos.

ESTREPSÍADES:

Ai, Ai.

CORO:

Que tens? Por que sofres?

ESTREPSÍADES:

Eu morro, miserável de mim: [710] os Coríntios⁶⁵, tendo rastejado para fora da cama, me mordem, devoram as costelas, bebem a alma, arrancam os testículos, perfuram o rabo [715] e vão me matar.

CORO:

Não sofras tanto assim.

ESTREPSÍADES:

Como não? Quando vejo perdidos meus bens, perdida a cor, perdida a alma, perdidos os calçados: [720] e além destes males, tendo cantado de sentinela⁶⁶, por pouco não perco a mim também.

⁶⁴ Referência ao método socrático de procurar repentinamente um novo rumo de investigação ao depara-se com alguma dificuldade.

⁶⁵ Em grego, Coríntios começa com as mesmas letras que percevejos (*Korínthioi* e *kóreis*, respectivamente), fazendo uma alusão pejorativa aos habitantes dessa cidade.

⁶⁶ Nas vigílias, as sentinelas costumavam cantar para afastar o sono.

SÓCRATES:

Ei, que fazes? Não estás pensando?

ESTREPSÍADES:

Eu? Sim, por Poséidon.

SÓCRATES:

E então, o que pensou?

ESTREPSÍADES:

[725] Se algo de mim sobreviverá aos percevejos.

SÓCRATES (*afastando-se*):

Perecerás miseravelmente.

ESTREPSÍADES:

Meu caro, eu já estou morto.

CORO:

Não deves afrouxar, mas seres resistente. Pois é preciso descobrir uma ideia capciosa e meios de enganar.

ESTREPSÍADES:

Ai de mim, quem me jogaria [730] em cima de uma pele de carneiro a fim de conseguir uma ideia capciosa.

SÓCRATES (*voltando*):

Pois bem, examinarei primeiro o que faz este aqui. Ei, dormes?

ESTREPSÍADES:

Por Apolo, eu não.

SÓCRATES:

Tens algo?

ESTREPSÍADES:

Por Zeus, eu mesmo não.

SÓCRATES:

Nada mesmo?

ESTREPSÍADES (*erguendo a mão debaixo do manto*):

Nada, a não ser o pinto na mão direita.

SÓCRATES:

[735] Não te cobrirás rapidamente para refletir algo?

ESTREPSÍADES:

Sobre o quê? Pois tu deves me mostrar, Sócrates.

SÓCRATES:

Primeiro, descobre tu o que queres e fale.

ESTREPSÍADES:

Ouviste mil vezes o que desejo, sobre os juros, como não pagar a ninguém.

SÓCRATES:

[740] Vai, agora, cobre-te, divide o pensamento em pequenas parcelas e reflete sobre os negócios, separando e examinando corretamente⁶⁷.

ESTREPSÍADES (*mordido pelos percevejos, salta do leito*):

Ai de mim, que desgraçado!

⁶⁷ Nova alusão ao método socrático.

SÓCRATES:

Fica tranquilo; e se tiver alguma dificuldade no pensamento, deixa-a e segue adiante, e [745] depois movimenta a ideia de volta ao pensamento e examina-a.

ESTREPSÍADES:

Ó Socratinho amado.

SÓCRATES:

Que é, velho?

ESTREPSÍADES:

Tenho uma ideia capciosa sobre os juros.

SÓCRATES:

Mostra-a

ESTREPSÍADES:

Diz-me agora.

SÓCRATES:

O quê?

ESTREPSÍADES:

Se eu comprasse uma mulher feiticeira da Tessália⁶⁸ e [750] à noite puxasse para baixo a lua, e então a fechasse em um estojo redondo, como um espelho, e depois a guardasse fechada?

Eduardo Araújo, versos 753 a 912

SÓCRATES:

Mas, francamente, em que isso te ajudaria?

⁶⁸ Tessália era a região da Grécia que mais cultivava a magia. As mulheres da Tessália gabavam-se até da habilidade de conseguir puxar a Lua para baixo do céu.

ESTREPSÍADES:

Em quê? Se a lua não mais nascesse em parte alguma, eu não pagaria os juros.

SÓCRATES:

[755] Como assim?

ESTREPSÍADES:

Porque o povo toma dinheiro emprestado por mês.

SÓCRATES:

Ótimo! Mas te proporei outra questão difícil de resolver. Se contra ti fosse registrada uma ação de cobrança de cinco talentos, como a anularias? Me diz.

ESTREPSÍADES:

[760] Como? Não sei como. Contudo, merece ser investigado.

SÓCRATES:

Então, não prendas o pensamento em ti mesmo em todo momento, mas solta a reflexão para o ar, assim como o besouro preso pelo pé.

ESTREPSÍADES:

Já descobri o modo mais inteligente de livrar-me da cobrança, [765] a ponto de tu mesmo concordares comigo.

SÓCRATES:

De que forma?

765

ESTREPSÍADES:

Já viste nos boticários aquela pedra, linda e transparente, com a qual acendem o fogo?

SÓCRATES:

Tu falas do vidro?

ESTREPSÍADES:

Sim.

SÓCRATES:

Tudo bem, que faria então?

ESTREPSÍADES:

E se eu pegasse a pedra [770] e, ficando aqui mais afastado, para o sol, quando o escrivão registrasse a cobrança, derretesse o registro das minhas dívidas?

SÓCRATES:

Que inteligente, pelas Graças!

ESTREPSÍADES:

Ah! Como estou feliz porque a minha dívida de cinco talentos está anulada.

SÓCRATES:

[775] Então vem, pega tudo isso rápido.

ESTREPSÍADES:

O quê?

775

SÓCRATES:

Como tu rebaterias a cobrança dos credores, estando a ponto de ser condenado, sem testemunhas presentes?

ESTREPSÍADES:

Essa é a coisa mais simples e fácil.

SÓCRATES:

Fala, então!

ESTREPSÍADES:

Pois digo. Se houver ainda um processo antes do meu, [780] antes que o meu seja chamado saio correndo e me enforco.

SÓCRATES:

Que bobagem!

ESTREPSÍADES:

Eu falo sério, pelos deuses! Depois que eu estiver morto, ninguém apresentará uma cobrança contra mim.

SÓCRATES:

Tu falas bobagem. Vai embora, não gostaria mais de te ensinar.

ESTREPSÍADES:

Por que isso? Pelos deuses, Sócrates!

SÓCRATES:

[785] Tu te esqueces imediatamente daquilo que aprendes. E agora, o que tu aprendeste primeiro? Fala.

ESTREPSÍADES:

Bem, vejamos, o que foi primeiro? O que foi primeiro? O que era aquilo em que antes amassamos a farinha? Minha nossa, o que era?

SÓCRATES:

Por que tu não vais para o inferno, [790] velhote mais esquecido e mais estúpido do mundo?

ESTREPSÍADES:

Puxa vida, então o que é que vai acontecer comigo? Vou me ferrar se não aprender a desenrolar a língua. Mas, ó Nuvens, aconselhai algo útil.

CORO:

Nós, de fato, te aconselhamos, ancião, [795] se a ti algum filho é chegado à maturidade, a enviá-lo para aprender em teu lugar.

ESTREPSÍADES:

Mas eu tenho um filho muito bom! O problema é que ele não quer estudar. O que eu devo fazer?

CORO:

E tu deixas?

ESTREPSÍADES:

Mas ele está robusto e em pleno vigor, [800] e provém das mulheres emplumadas de Cesira. Porém eu vou até ele e, caso ele não queira, não deixarei de expulsá-lo de casa. Depois que eu for, aguardai-me por um pouco.

CORO:

Percebes que receberás de uma só vez os melhores bens dos deuses por [805] nós unicamente? Aqui está um homem pronto para fazer todas as coisas que lhe ordenares. E tu, no momento em que o homem estiver atordoado e claramente fora de si, [810] tendo percebido isso, o enrolarás com todas as tuas forças, rapidamente: pois, de alguma maneira, esse tipo de coisas costuma transformar-se em outro.

(Entram Estrepsíades e Fidípides)

ESTREPSÍADES:

Não, pelo Nevoeiro! Tu não ficarás mais aqui! [815] Mas vai e come as colunas de Mégacles.

FIDÍPIDES:

Mas que há contigo, papai? Não raciocinas bem, por Zeus Olímpio!

ESTREPSÍADES:

Viu só: Zeus Olímpio! Que bobagem, acreditar em Zeus nessa idade em que estás!

FIDÍPIDES:

[820] E por que achaste isso engraçado?

ESTREPSÍADES:

Porque penso que tu és um menininho e pensa como um velho. Mas te aproxima para saber mais! Vou te mostrar uma coisa. Aprendendo tal coisa, serás um homem. Mas não ensinarás isso a ninguém!

FIDÍPIDES:

[825] Tudo bem. O que é?

ESTREPSÍADES:

Jura agora por Zeus.

FIDÍPIDES:

Juro.

ESTREPSÍADES:

Então, vês como é bom aprender? Zeus não existe, Fidípides.

FIDÍPIDES:

Que deus existe, então?

ESTREPSÍADES:

O Vórtex governa, depois de expulsar Zeus.

FIDÍPIDES:

O quê? Que papo é esse?

ESTREPSÍADES:

Fica sabendo que isso é assim.

FIDÍPIDES:

[830] Quem diz isso?

ESTREPSÍADES:

Sócrates, o mélio, e Querefonte, que conhece as pegadas das pulgas.

FIDÍPIDES:

E tu chegaste a tamanha loucura, que obedeces a homens melancólicos?

ESTREPSÍADES:

Elogia e não fales mal de homens capazes [835] e de entendimento, os quais, por economia, não cortaram os cabelos, não ungiram a pele com óleo e não se lavaram numa banheira, ao passo que tu devoras meus bens como se eu estivesse morto. Mas vai lá o mais rápido possível e aprende em meu lugar.

FIDÍPIDES:

[840] E que coisa útil alguém aprenderia com eles?

ESTREPSÍADES:

Sério? Tudo que há de sábio entre os homens. Então tu mesmo perceberás como és ignorante e grosseiro. Mas espera por mim aqui um momento.

FIDÍPIDES:

Que droga! O que farei, com o pai fora de si? [845] Vou interditá-lo, apresentado ao tribunal a sua loucura, ou falarei de sua doidice aos fabricantes de caixões?

ESTREPSÍADES (retornando):

Veja bem: como chamas isso? Diz para mim.

FIDÍPIDES:

Frango.

ESTREPSÍADES:

Muito bem. E essa daqui?

FIDÍPIDES:

Frango

ESTREPSÍADES:

O mesmo para os dois? Tu és ridículo! [850] Não faça mais isso! Mas agora debes chamar esta aqui de franga e este aqui de frango.

FIDÍPIDES:

Franga? Aprendeste esta pérola indo agora há lá com aqueles titãs?

ESTREPSÍADES:

E muitas outras mais! Mas tudo que eu aprendia lá [855] eu esquecia logo por causa da velhice.

FIDÍPIDES:

E por isso também perdeste a roupa?

ESTREPSÍADES:

Mas não a tinha perdido: eu a gastei com o pensamento.

FIDÍPIDES:

E o que fizeste com as sandálias, seu idiota?

ESTREPSÍADES:

Assim como Péricles, me desfiz delas para um fim necessário. [860] Mas vem, caminha e vamos. E então, tendo confiando em teu pai, faz o que é errado. Eu mesmo uma vez o obedeci, sendo você um menino de seis anos de idade que nem sabia falar direito. Com a primeira moeda que recebi como um heliasta, comprei essa pequena carruagem no festival de Zeus.

FIDÍPIDES:

[865] Na verdade, vais arrepender-te dessas coisas depois de um tempo.

ESTREPSÍADES:

Foi bom obedeceste! Aqui, aqui, Sócrates! Vem cá! Pois trago esse filho que me obedeceu contra a vontade dele.

SÓCRATES:

Ele ainda é uma criança, e ainda não está amaciado pelas cestas de pendurar que temos aqui.

FIDÍPIDES:

[870] Tu mesmo estarias amaciado se fosses enforcado.

ESTREPSÍADES:

Vai pro inferno! Como xingas um professor?

SÓCRATES:

Olha isto: “fosses enforcado”! Como estupidamente fala alto, tendo escancarado os lábios. Como esse indivíduo poderia aprender algum dia a absolvição do processo, [875] ou uma citação judicial ou uma contestação persuasiva? Além do mais, por um talento Hipérbolo aprendeu isso.

ESTREPSÍADES:

Deixa pra lá! Ensina. Ele é inteligente por natureza. De fato, quando ele era somente um menininho, construía prédios e esculpia navios dentro de casa, fabricava pequenas carroças do couro, e fazia rãs a partir da casca da romã. Tu nem imaginas! E, assim, aprenderá estes dois discursos, o melhor, o que quer que seja, e também o pior, o qual falando o que é injusto refuta o melhor. [885] E, se isso não for possível, ao menos o injusto, por qualquer meio.

SÓCRATES:

Ele mesmo aprenderá dos dois argumentos em pessoa. E eu irei embora.

ESTREPSÍADES:

Agora, lembra disto: que ele precisará ser capaz de contradizer todas as coisas justas.

DISCURSO MELHOR:

Achega-te aqui! Mostra-te [890] aos espectadores, mesmo que sejas corajoso..

DISCURSO PIOR:

Vai para onde quiseres. Pois eu vou arrasar muito mais falando diante destas pessoas todas.

DISCURSO MELHOR:

Tu me destruirás? Quem és tu?

DISCURSO PIOR:

Um discurso.

DISCURSO MELHOR:

É verdade, o pior.

DISCURSO PIOR:

Mas eu venço você, que diz ser superior a mim.

DISCURSO MELHOR:

[895] Fazendo que tipo de esperteza?

DISCURSO PIOR:

Descobrimos ideias novas.

DISCURSO MELHOR:

Pois estas coisas florescem entre esses tolos aí.

DISCURSO PIOR:

Não, mas entre os sábios.

DISCURSO MELHOR:

Eu te destruirei completamente!

DISCURSO PIOR:

Fazendo o quê? Diz!

DISCURSO MELHOR:

[900] Falando coisas justas.

DISCURSO PIOR:

Mas eu as superarei te contradizendo: pois afirmo que não há justiça alguma.

DISCURSO MELHOR:

Afirmas que não existe?

DISCURSO PIOR:

Pois, percebe, onde ela está?

DISCURSO MELHOR:

Está junto dos deuses.

DISCURSO PIOR:

Como então, se existe a justiça, Zeus [905] não se deu mal depois de prender seu próprio pai?

DISCURSO MELHOR:

Ai ai... Esse mal está se espalhando. Me dá uma bacia (*para vomitar*).

DISCURSO PIOR:

Tu és um caquético ridículo.

DISCURSO MELHOR:

E tu és uma bichona sem-vergonha.

DISCURSO PIOR:

[910] É música para meus ouvidos.

DISCURSO MELHOR:

E um parasita miserável.

DISCURSO PIOR:

Coroas-me com lírios.

Nykolos Friedrich Von Peters Correia Motta, trecho 7, 913-1062

DISCURSO MELHOR:

Negativo! Não com ouro: mas com chumbo, isso sim!

DISCURSO PIOR:

Mas, ora, isso é cosmético para mim⁶⁹.

DISCURSO MELHOR:

[915] És insolente – muito!

DISCURSO PIOR:

E tu, um ultrapassado de marca maior.

⁶⁹ A ideia é que as características que o Lógos mais forte atribui negativamente ao Lógos mais fraco para este último, na verdade, seriam positivas.

DISCURSO MELHOR:

Por tua causa nenhum rapaz quer ir à aula. Serás reconhecido, algum dia, pelos Atenienses por como ensinas os ininteligentes.

DISCURSO PIOR:

[920] Que pele sem brilho! Que vergonha!⁷⁰

DISCURSO MELHOR:

E tu vais muito bem, parabéns... embora antes mendigasses, dizendo ser Télefo, o Mísio⁷¹, e mordiscasses máximas de Pandeleteu tiradas da bolsinha⁷².

DISCURSO PIOR:

[925] Ai ai, que sabedoria...

DISCURSO MELHOR:

Ai ai, que insanidade...

DISCURSO PIOR:

... da qual te lembraste!

⁷⁰ Literalmente: ressecas vergonhosamente. Preferi uma paráfrase que deixasse mais claro o sentido cosmético do verbo (o que devia ser fonte de humor à época). Sem brilho, porque não está untada por óleo; donde, também, ressecada.

⁷¹ Referência jocosa à tragédia de Eurípides, em que Télefo, o mais famoso Heráclida, disfarçado de mendigo, fazia discursos de defesa à maneira sofisticada. Aristófanes volta e meia se refere e parodia essa obra: "Em *Acarnenses*, Dicaíópolis assume o papel de Télefo, cuja vestimenta e adereços ele pega emprestado da oficina de Eurípides. Nas *Tesmoforiantes*, o Parente reprisa o papel de Télefo, embora com menos sucesso do que Dicaíópolis, quando ele tenta defender a tragédia eurípidiana diante da *ecclesia* de mulheres celebrando o festival de Deméter e Perséfone (...). Em contraste, as breves menções ao Télefo em *Nuvens* (891, 921-24; (...)) e *Rãs* (955, 960-64) não avançam significativamente a ação, mas são expressões icônicas da dignidade comprometida da tragédia como um resultado da influência de Eurípides" (Charles Platter, *Aristophanes and the Carnival of Genres*, The John Hopkins University Press: Arethusa Books, 2007, p. 144).

⁷² Pandeleteu não é figura muito célebre. Na Suda, a primeira enciclopédia já registrada, bizantina, está dito o seguinte: "Uma vez que Pandeleteu era um informante [sicofanta], com muito gosto por casos judiciais, e autor de decretos, e um daqueles que passavam seu tempo nas cortes judiciais. Cratino menciona-o em *Quírones*" (cf. Ian Storey, *Fragments of Old Comedy*, Volume I: Alcaeus to Dioecles. Loeb Classical Library, 513. Cambridge: Harvard University Press, 2011, p. 393). A referência anterior ao Télefo de Eurípides, mendigo e sofista, parece lançar luz irônica sobre Pandeleteu. Pode ser que esteja sugerido, implicitamente, que ele tenha sido uma figura verborrágica ou afeita a discursos e não muito rica ou advinda de uma família sem renome.

DISCURSO MELHOR:

... a tua e a da cidade, a qual te nutre, embora arruínes os rapazes.

DISCURSO PIOR:

Tu não ensinarás Fidípides de maneira alguma, porque és velho como Crono.

DISCURSO MELHOR:

[930] Ah, mas sim, se é necessário salvaguardá-lo da ruína e não somente trabalhar o palavreado.

DISCURSO PIOR (*para Fidípides*):

Vem aqui e deixa esse louco de lado.

DISCURSO MELHOR:

Lamentarás, se lhe deres a mão.

CORO:

Paraí com a luta e o insulto. [935] Em vez disso, demonstra tu as coisas que ensinavas aos mais antigos, enquanto tu demonstra a nova educação, para que o rapaz, depois de ouvir-vos debater, escolha e vá à aula.

DISCURSO MELHOR:

Desejo fazer isso.

DISCURSO PIOR:

Desejo-o eu também.

CORO:

[940] Vamos, qual dos dois falará primeiro?

DISCURSO PIOR:

Concedo a ele a vez: e daí, a partir das coisas que disser, com novas frasezinhas e ideias flechá-lo-ei dos pés à cabeça. [945] Por último, caso ainda

murmure, em todas as partes do rosto, até nos olhos, vai receber uma picadura⁷³ de zangão, e sob o peso das máximas perecerá.

CORO:

Agora, mostrai ambos, confiantes [950] nos destros discursos e pensamentos e reflexões sentenciosas, qual dos dois melhor se mostrará ao falar. Aqui, neste momento, [955] está lançado todo o embate da sabedoria, pelo qual se dá o combate magno de meus amigos. Mas, ó coroador dos antigos com muitos e bons costumes, [960] solta a voz da maneira com que te regozijas e fala da tua natureza.

DISCURSO MELHOR:

De acordo. Falarei da antiga educação, como estava assentada quando eu, falando coisas justas, florescia e a temperança já era então costume. Primeiro era obrigatório que a criança não emitisse som algum; então, era obrigatório irem os habitantes do mesmo distrito ao citarista pelos caminhos [965], ordenadamente, nus e todos juntos, mesmo se nevasse grosso. E então ensinava, por sua vez, a saber uma canção de cor (caso não ficassem se roçando...) como “Palas terrível arrasa-cidades” ou “um grito longipassante”; e, se algum deles bancasse o bomoloco⁷⁴ ou modulasse alguma modulação [971] tal como modulam os de hoje, à maneira de Frínis⁷⁵ difíceis de modular, era esfolado⁷⁶, levava muita porrada, como se tivesse agredido as Musas. No professor de ginástica⁷⁷, sentando-se, era preciso que os rapazes pusessem a perna à frente,

73 Henderson (p. 122, parágrafo 53) observa que a palavra *kéntron*, cognata do verbo *kentéo*, que ocorre aqui e que traduzo por “receber uma picadura”, indica qualquer coisa pontiaguda e também era usado para designar o pênis.

74 Ferécrates, contemporâneo a Aristófanes, em fragmento de sua peça *Tirania*, explicita a etimologia de “bomoloco”: “Então, a fim de que não fôssemos chamados de bomolocos por sempre espreitarmos [*lokhontes*] altares [*bomois*] em todo lugar, Zeus fez uma muito grande chaminé” (Ian Storey, *Fragments of Old Comedy*, Volume II: Diopetes to Pherecrates. Loeb Classical Library, 514. Cambridge: Harvard University Press, 2011, p. 493). Bomoloco (de *bomos*, altar, e *lokein*, espreitar) é, literalmente, o espreitador-de-altar, aquele que espreita o altar para, depois de oferecidos os sacrifícios, pegá-los para si. Fazê-lo era considerado tão baixo que “banciar o bomoloco” (ou, mais literalmente, bomoloquear) significava fazer baixaria ou algo de baixo nível. Daí, como algo baixo é algo inadequado, um personagem-tipo da comédia grega de comportamento inadequado foi chamado de bomoloco (semelhante ao bufão do teatro posterior). No contexto, a ideia é que era proibido fazerem um uso inadequado/baixo da música ou fizessem piadas de baixo nível ou (no sentido do personagem-tipo) palhaçada.

75 Frínis era um músico de Mitilene e, diz-se, ganhou o prêmio em um desafio musical no festival Panatenaico, no arcontado de Cálías (cf. Dover, p. 216).

76 O verbo no grego é *epitribein*, que significa “esfregar, friccionar”, mas também pode ter conotação sexual: “um órgão em preparação para o intercuro sexual” (cf. Henderson, p. 176). Considerando a malícia do trecho, um *double entendre* não seria inesperado.

77 Professor de ginástica, *paidotribês*, significa literalmente “esfolador de crianças”.

a fim de que não mostrassem nada cruelmente⁷⁸ para os de fora. [975] E então, em seguida, levantando-se, era preciso apagar as marcas da areia e prevenir que não fosse deixada a forma da juventude para os amantes. Nesse tempo, nenhum rapaz costumava se untar com óleo abaixo do umbigo, de modo que nas partes pudendas um molhadinho e penugem como a do pêssego⁷⁹ florescia. E ninguém ia atrás do amante fazendo voz fina [980] e se oferecendo com os olhos. Nem se podia, no jantar, pegar a cabeça do rabanete, nem surrupiar o aneto dos anciãos ou o aipo⁸⁰, nem pôr a boca em delícias⁸¹, dar risadinhas ou ficar de pernas cruzadas.

DISCURSO PIOR:

Velharias, pff! Como as Dipolias⁸², repletas de cigarras⁸³, [985] de Cedides⁸⁴ e de Bufonias⁸⁵.

DISCURSO MELHOR:

Mas, então, essas são as coisas com as quais nossa educação formou, naquele tempo, os guerreiros de Maratona. Tu, por tua vez, ensinas os de agora a tão logo se enrolarem em mantos, de modo que me sufoca quando é necessário que eles dancem nas Panateneias e, segurando o escudo na frente da salsicha, um descuida da Tritogênia⁸⁶. [990] Diante dessas coisas, ó rapazinho, nada temendo, a mim, o Discurso Melhor, escolhe. E aprenderás a odiar a agora e a te manteres longe dos banhos; a te envergonhares das coisas vergonhosas e a

78 Cruelmente, porque suscitaria o desejo. Parte da comicidade da fala do Discurso Melhor repousa em que, defendendo uma educação mais rígida, deixa transparecer desejo e fixação na mesma medida de seu moralismo.

79 “Molhadinho” traduz *drósos*, que tem o sentido de “orvalho, água”, também é utilizado para designar a secreção vaginal e o sêmen. Dover (p. 217) especula que, na passagem, se refira ao fluido pré-ejaculatório ou que ao pênis intumescido sob o prepúcio, como um pêssego molhado dentro no interior da pele suave. Segundo Henderson, “as partes púbicas dos garotos não são artificialmente oleadas, mas *naturalmente* orvalhadas, como a superfície das frutas, provavelmente por causa do suor atlético dos garotos” (p. 145).

80 “Aipo”, em grego *sélinon*, pode indicar o órgão sexual feminino, especialmente por causa dos pelos pubianos.

81 No grego, *opsosagein*, literalmente, comer *ὄψον*. Essa palavra designa um acepipe, uma comida preparada com refinamento; ao mesmo tempo, também serve para se referir à felação.

82 Antiga celebração em honra a Zeus Políada (isto é, Zeus da pólis).

83 Tucídides (I. 6) descreve os aristocratas de outrora: “até recentemente, o refinamento antiquado da vestimenta ainda persistia entre os homens mais ricos de sua [dos Atenienses] classe mais rica, que vestiam roupas de baixo de linho e amarravam atrás seus cabelos com broches de ouro na forma de cigarras”.

84 Um antigo poeta ditirâmico sobre o qual não temos informações seguras.

85 Cerimônia do sacrifício de bois.

86 Epíteto de Atena.

te inflamares quando alguém te escarneça, a te levatares dos assentos para os anciões presentes e não te comportares mal em relação aos teus pais e nenhuma outra pessoa [995] porque irias profanar a imagem do Pudor. Nem te lançares em cima da dançarina, ficando boquiaberto com essas coisas e recebendo uma maçã da putinha⁸⁷, a fim de que não rompas com a boa fama; nem contradizer o pai nem chamá-lo Jápeto para lembrar-lhe a idade, ele que cuidou de ti no berço.

DISCURSO PIOR:

[1000] Se em relação a essas coisas, ó rapazinho, o obedeceres, por Dionísio, parecerás com os filhos de Hipócrates e te chamarão de “porquinho da mamãe”⁸⁸.

DISCURSO MELHOR:

Mas, comigo, bem nédio e vicejante em ginásios passarás o tempo, não vomitando tiradas espertinhas pela ágora, exatamente como os de hoje, nem litigando a respeito de assunto pegajosespinhentodioso⁸⁹; [1005] à Academia descendo, correrás sob as oliveiras coroados com cálamos brancos, com prudente companheiro, rescendendo a azinheira e quietude e branco álamo, na estação da primavera, regozijando-te quando murmure o plátano para o olmo. Caso fizeres essas coisas que digo [1010], e para essas coisas voltares a atenção, terás sempre peito nédio, pele rutilante, ombros grandes, língua diminuta, bunda grande, pintinho pequeno⁹⁰; [1015] caso pratiques aquelas coisas que os de hoje em dia fazem terás, primeiramente, pele macilenta, ombros pequeninos, peito estreito, língua grande, linguicinha e decretão. [1020] E te convencerás de alto a baixo a acreditar que tudo o que é vergonhoso é belo, e o belo, vergonhoso, e, em adição a essas coisas, a bichice de Antímaco⁹¹ penetrará tão fundo que afrouxará.

87 “Arremessar uma fruta em um homem era uma maneira pela qual uma garota poderia sugerir a ele, sem comprometer-se em palavras, que ela se deixaria seduzir por ele” (Dover, p. 220).

88 Aqui Aristófanes faz um trocadilho intraduzível. A palavra filhos, no dativo plural (*hyésin*), possui sonoridade muito semelhante à palavra porcos no mesmo caso e número (*hysin*). A palavra traduzida por “porquinho da mamãe” é *blitomámmas*, originada de *bliton*, uma erva da região do Mediterrâneo (o amaranto roxo, *Amaranthus Blitum*), e de *mámmas*, mamãe.

89 No original, *γλισχραντιλογεῖς*, uma das tantas famigeradas palavras compostas de Aristófanes. Ela é formada a partir de *γλισχος*, pegajoso, inoportuno; *ἀντιλογία*, contradição, controvérsia e, por fim, *ἐξεπίτριτος*, que é a pessoa para a qual se diria *ἐπιτριβεῖς*, algo como “Que caias de cara no chão” com o sentido da expressão de um desejo de que a pessoa seja esmagada ou destruída, donde amaldiçoada.

90 Um “bundão” não seria o tipo de pessoa que consideraríamos hoje em dia vigorosa, mas nas pinturas dos vasos, jovens eram representados com bundas avantajadas. Deuses e heróis, ademais, eram representados com o pênis pequeno, enquanto que sátiros, com pênis enorme.

91 Aristófanes refere-se a um Antímaco em *Acarnenses*, 1150.

CORO:

Ó tu, que belitorreada sabedoria [1025] famigeradíssima cultivas! quão prazerosa e razoável flor repousa em tuas palavras! Felizes, afinal, eram os que viviam então! [1030] Tu, diante dessas coisas, ó portador de musa de refinada aparência, tu debes falar algo novo, porque o homem [o Discurso Melhor] está com crédito. Parece que contra ele tu precisas de artifícios terríveis, [1035] se, de fato, superarás o homem e não recairás no risível.

DISCURSO PIOR:

Pois bem, há muito tempo eu tinha um nó na garganta e punha o coração em dismantelar todas essas coisas com pensamentos opostos. Pois eu por causa disso mesmo fui chamado Discurso Pior entre os pensadores, porque fui o primeiríssimo a ter em mente [1040] contrapor às leis e às coisas justas coisas contrárias. E isso vale um total de dez mil estateros⁹² – escolher os discursos mais fracos e, a despeito disso, ganhar. Olha bem a educação na qual ele pôs fé, que refutarei, a qual diz, primeiro, não te permitir banhar-te com água quente. [1045]. E então: qual pensamento tens para censurar os banhos quentes?

DISCURSO MELHOR:

Ah, porque é mau e envilece o homem.

DISCURSO PIOR:

Alto lá; agora te peguei, te nocauteei. Mas me diz: qual homem dentre os filhos de Zeus o vivente mais valoroso consideras, fala, e que penou os maiores trabalhos?

DISCURSO MELHOR:

[1050] Eu julgo que não há homem melhor do que Hércules.

DISCURSO PIOR:

E então, onde, alguma vez, viste banhos de Hércules frios? Mais ainda: alguém era mais viril?

92 Unidade de medida usada para moedas de ouro estrangeiras.

DISCURSO MELHOR:

É isso aí, isso mesmo que faz o banho cheio de juvenzinhos que tagarelam o dia inteiro, e as palestras vazias.

DISCURSO PIOR:

[1055] Então censuras passar o tempo discursando na ágora, mas eu louvo. Se fosse ruim, Homero jamais teria feito Nestor um orador da ágora, nem todos os sábios. Vou adiante, sim, daí para a língua, a qual este aí diz que os jovens não devem exercitar, mas eu digo que sim. [1060] Por outro lado, também diz que devem ser razoáveis – os dois maiores males. Quando tu, por causa da razoabilidade, já viste algo de bom acontecer para alguém? Diz, e me refuta falando.

André Luiz Cruz Sousa, versos 1063-1213

DISCURSO MELHOR:

Muitas vezes! Peleu, por exemplo, ganhou a espada⁹³ por ser temperante.

DISCURSO PIOR:

Espada? De fato um belo prêmio ganhou o infeliz. [1065] Hipérbolo, do mercado de lâmpadas, ganhou muito dinheiro por causa da vigarice, mas, por Zeus, uma espada não...

DISCURSO MELHOR:

Também por ser temperante, Peleu desposou Tétis.

DISCURSO PIOR:

E ela, em seguida, tendo-o largado, foi-se embora. Afinal, ele não era fogoso nem tinha prazer em festejar embaixo dos lençóis noite adentro: [1070] uma mulher aprecia ser tratada com luxúria! Mas tu não passas de um velho caduco. Examina, pois, mancebo, tudo que está implicado na vida temperante, de quantos prazeres estás destinado a seres privado: meninos, mulheres,

⁹³ Diz respeito à espada que Peleu ganhou de Hefesto, história aludida por Píndaro, Hesíodo e Apolodoro.

jogatinas⁹⁴, guloseimas, bebedeiras, gargalhadas. De fato, por que te valeria a pena viver, se fosses privado de tais prazeres? [1075] Vou além: falo agora das necessidades físicas. Supõe que erraste, que foste voraz no desejo e que praticaste algum adultério e, então, foste pego. Estarás arruinado, pois serás incapaz de justificar-te. Mas, comigo, fornicar é algo natural; cai na vida, ri, não consideres nada vergonhoso. Sendo um adúltero, caso sejas pego, responderás ao marido [1080] que não cometeste injustiça alguma. Além disso, mencionarás Zeus, que é incapaz de resistir ao desejo e às mulheres: como tu, sendo um mortal, poderias ser melhor do que um deus?

DISCURSO MELHOR:

E no caso de, tendo obedecido a ti, ele ganhar um rabanete introduzido no rabo⁹⁵ e ter os pelos pubianos queimados com cal⁹⁶? Terás algum conselho para dar, para que ele não fique com o cu arregaçado?

DISCURSO PIOR:

[1085] Se ficar com cu arregaçado, qual o mal?

DISCURSO MELHOR:

Acaso poderia ele sofrer, em alguma ocasião, algum mal maior do que esse?

DISCURSO PIOR:

O que dirás, caso sejas vencido por mim nesse ponto?

DISCURSO MELHOR:

Me calarei. O que mais poderia fazer?

DISCURSO PIOR:

Diz-me: de que tipo de gente são os advogados?

⁹⁴ O texto fala especificamente do *kóttabos*, um jogo de origem siciliana no qual os participantes atiravam restos de bebida dentro de uma bacia metálica.

⁹⁵ A lei ateniense previa o direito de um marido matar a mulher adúltera e o amante, se pegos em flagrante. A sodomização do adúltero não faz parte da lei, mas podia fazer parte do processo de humilhação e vingança que a que traído procedia (cf. Dover, p. 227).

⁹⁶ Dover, nos comentários (p. 227), especifica que os pelos arrancados são os pubianos.

DISCURSO MELHOR:

Do tipo que tem o cu arregaçado.

DISCURSO PIOR:

[1090] Estou convencido. E os trágicos⁹⁷, como são?

DISCURSO MELHOR:

Têm o cu arregaçado.

DISCURSO PIOR:

Bem dizes. Os demagogos?

DISCURSO MELHOR:

Têm o cu arregaçado.

DISCURSO PIOR:

[1095] Então estás ciente de que o que dizes não faz sentido? E de que tipo é a maior parte dos expectadores? Examina!

DISCURSO MELHOR:

Estou examinando.

DISCURSO PIOR:

E o que vês?

DISCURSO MELHOR:

Pelos deuses, a esmagadora maioria tem o cu arregaçado. Esse aí eu conheço, aquele ali também, [1100] e também esse aí de cabelo comprido.

DISCURSO PIOR:

O que dizes, então?

⁹⁷ O original é ambíguo, pois pode referir-se tanto aos atores quanto aos autores de tragédias.

DISCURSO MELHOR:

Fui vencido. (*Fala para o público*) Seus tarados! (*Para Estrepsíades e Fidípides*) Recebei meu manto, pelos deuses, pois deserto diante de vós!

DISCURSO PIOR:

[1105] E então? Queres pegar e levar embora esse teu filho ou queres que eu o ensine a falar em teu favor?

ESTREPSÍADES:

Ensina! Pune! E lembra de afiá-lo bem em meu proveito, uma parte da boca para os pequenos processos, e a outra [1110] para as grandes questões.

DISCURSO PIOR:

Não te preocupes, tu o receberás um sofista hábil.

FIDÍPIDES:

Eu acho que me receberás pálido e infeliz.

CORO (*para as personagens da comédia*):

Retirai-vos agora. (*Para Estrepsíades*) Penso que tais coisas te causarão arrependimento. [1115] (*Para o público*) Nós desejamos dizer que os juízes terão os seguintes benefícios, caso favoreçam este Coro no concurso. Primeiramente, caso desejeis lavrar os campos na estação apropriada, faremos chover para vós antes, e depois para os demais. Em seguida, vigiaremos as vinhas que geraram frutos, [1120] de modo que nem a seca nem a chuva excessiva as oprimam. Caso algum mortal desonre a nós, deusas, que preste atenção e saiba que males sofrerá, não colhendo nem folhas de vinha nem nada mais do solo cultivado. Quando quer que tanto as oliveiras quanto as vinhas brotem, [1125] estarão cortadas: as atingiremos com estas pedras. Caso vejamos esse homem construindo, faremos chover e despedaçaremos as telhas de seu telhado com granizo esférico. Caso ele ou algum de seus parentes e amigos em algum momento se case, faremos chover durante toda a noite, [1130] de tal modo que talvez venha a desejar que antes estivesse no Egito do que julgar mal neste concurso.

(*Estrepsíades vai para casa, enquanto Fidípides fica no Pensatório*).

ESTREPSÍADES (*voltando para o Pensatório*):

Quinto, quarto, terceiro dia; depois o segundo e, então, o dia que eu temo mais do que todos os outros, que me causa calafrios, que abomino: o último dia do mês, o dia velho e novo⁹⁸. [1135] Pois todo mundo para quem eu devo, depois de fazer o depósito⁹⁹, jura que vai me arruinar, aniquilar. E mesmo que eu implore por moderação e justiça, e diga: “magnífico, não pegues isso algo agora, protela aquilo pra mim, e me dá um desconto naquilo outro”, eles respondem que assim nunca [1140] vão recuperar o dinheiro, e reclamam que sou desonesto, e dizem que vão me levar para a justiça... Agora digo: que me processem. Pouco me importa, se Fidípides tiver aprendido a falar bem. Mas logo vou saber, depois que bater à porta do Pensatório. Menino, estou aqui! Menino! Menino!

SÓCRATES:

[1145] Salve, Estrepsíades!

ESTREPSÍADES:

Salve! Mas, antes de tudo, recebe isto. Porque é necessário pagar alguma coisa ao professor. Mas me conta se meu filho aprendeu aquele discurso que apresentaste recentemente.

SÓCRATES:

Aprendeu.

ESTREPSÍADES:

[1150] Ótimo! Ó Fraude, rainha suprema!

SÓCRATES:

Ele poderia escapar de qualquer processo se desejasse.

ESTREPSÍADES:

E se houver testemunhas de que tomei o dinheiro emprestado?

⁹⁸ O último dia do mês, velho e novo por ser a transição entre a luação anterior e a seguinte.

⁹⁹ Trata-se do depósito feito pelo autor da ação judicial, feita antes do processo, a fim de arcar com despesas processuais.

SÓCRATES:

Tranquilo! Mesmo se houvesse mil testemunhas.

ESTREPSÍADES:

Gritarei, então, um grito altíssimo¹⁰⁰. [1155] Chorai agiotas, vós e os juros antigos e os juros dos juros! Nenhum dano me fareis mais, pois foi criado nesta casa meu filho, [1160] famoso pela língua sinuosa, uma faca de dois gumes, meu escudo, salvador do meu lar, prejuízo dos meus inimigos, alívio dos enormes sofrimentos paternos! Corre e chama-o aí para mim. [1165] Meu filho, vem! Escuta teu pai!

SÓCRATES:

Aqui está o homem.

ESTREPSÍADES:

Querido!

SÓCRATES:

Pega-o e parte.

ESTREPSÍADES:

[1170] Filho! Excelente! Como fico feliz em ver a tua cara! Agora sim estás negativo e disputativo de se ver, e que esse costume nativo de perguntar “que dizes?” está florescendo em ti de verdade! E pareces [1175] sofrer uma injustiça, embora sejas tu quem a cometa e quem faça o trambique. No teu rosto há um olhar ateniense! Agora, trata de me salvars, visto que me ferraste.

FIDÍPIDES:

Ora, temes algo?

ESTREPSÍADES:

O dia que é velho e novo...

¹⁰⁰ Os escólios não estão de acordo acerca da origem desse verso, que é atribuído ao *Peleu* de Sófocles, ao *Peleu* de Eurípides e ainda aos *Sátiros* de Frínico (cf. Dover, p. 234).

FIDÍPIDES:

Existe algum dia que seja velho e também novo?

ESTREPSÍADES:

[1180] O dia no qual dizem que farão o depósito para me processar.

FIDÍPIDES:

Os depositantes perderão. Pois não há como um dia tornar-se dois dias.

ESTREPSÍADES:

Não?

FIDÍPIDES:

De que modo, a não ser que ocorresse de uma mesma mulher tornar-se velha e nova.

ESTREPSÍADES:

Mas é a lei...

FIDÍPIDES:

[1185] Não penso que eles sabem propriamente qual sentido têm as leis.

ESTREPSÍADES:

E qual sentido têm?

FIDÍPIDES:

O velho Sólon era naturalmente simpático ao povo.

ESTREPSÍADES:

Isso nada tem a ver com o dia que é velho e novo.

FIDÍPIDES:

Sólon estabeleceu o processo em dois dias, [1190] o dia velho e o dia novo, para que os depósitos ocorressem somente no primeiro dia do mês.

ESTREPSÍADES:

E para que acrescentou o velho dia?

FIDÍPIDES:

Ora, meu amigo, para que os réus, estando presentes no dia anterior, façam um acordo. Caso contrário [1195], só se incomodariam na manhã do primeiro dia do mês.

ESTREPSÍADES:

Mas como é que os magistrados recebem os depósitos no último dia do mês, e não somente no primeiro dia do mês?!

FIDÍPIDES:

Pelo mesmo motivo que parecem ter os encarregados pelos festivais¹⁰¹: para que recebam os depósitos o mais rápido possível [1200] e comam no dia anterior.

ESTREPSÍADES:

Maravilha! (*Para aos espectadores*) E vós, desgraçados, por que vos sentais, burros, como se fossem estátuas, lucro para nós que somos sábios, tolos, vasos empilhados? [1205] Deve-se cantar para mim e para meu filho o panegírico a respeito dos nossos sucessos: "feliz Estrepsíades que, sábio, gerou e cria um tal filho", dirão os amigos e os companheiros no demo [1210], invejando-me sempre que tu, meu filho, venças os processos com tua argumentação. Mas quero antes levar-te para casa e oferecer-te um banquete!

Eduardo F. Laschuk, versos 1214-1352

(*Entra em cena um credor acompanhado de testemunha*)

¹⁰¹ Magistrados encarregados de verificar os preparativos das carnes sacrificiais dos festivais. Conforme sugere Aristófanes, eles aparentemente exerciam sua função no dia anterior ao início do festival.

CREDOR:

Então um homem é obrigado a entregar o que lhe pertence? [1215] Jamais! Melhor seria ter bancado o cínico naquela ocasião do que me meter com esses aborrecimentos. Agora estou aqui, arrastando a ti como testemunha por causa do meu dinheiro, e ainda por cima vou ficar inimigo de um vizinho. [1220] Mas nunca, enquanto eu for vivo, envergonharei a pátria. Agora chamo Estrepsíades...

ESTREPSÍADES:

Quem é? Quem está aí?

CREDOR:

...para o dia velho e novo.

ESTREPSÍADES:

(Para a testemunha que acompanha o credor) Eu te chamo a testemunhar que ele nomeou dois dias. (Para o credor) Qual é o assunto?

CREDOR:

As doze minas¹⁰² que tu pegaste emprestadas quando comprou [1225] o cavalo malhado.

ESTREPSÍADES:

Cavalo? (Para o público) Vós ouvistes isso? Todo mundo sabe que eu odeio cavalos!

CREDOR:

E por Zeus, tu também juraste que irias devolvê-las.

ESTREPSÍADES:

Ora, por Zeus! É que naquele tempo Fidípides ainda não tinha aprendido o discurso irrefutável.

¹⁰² Mina: unidade monetária equivalente a cem dracmas, uma soma considerável.

CREDOR:

[1230] Agora, por causa disso, pretendes negar a dívida?

ESTREPSÍADES:

E que outro proveito eu poderia tirar do aprendizado dele?

CREDOR:

Tu também aceitas prestar juramento disso, pelos deuses, no lugar que eu te indicar¹⁰³?

ESTREPSÍADES:

Por quais deuses?

CREDOR:

Por Zeus, por Hermes e por Posêidon.

ESTREPSÍADES:

Sim, por Zeus! [1235] E até pagaria um trióbolo¹⁰⁴ para ter o prazer de jurá-lo.

CREDOR:

Oxalá tu caias em desgraça pelo teu descaramento!

ESTREPSÍADES (passando a mão na barriga do credor):

Isso aqui daria um bom odre de vinho¹⁰⁵...

CREDOR:

Acho que ele está de gozação.

¹⁰³ Prestar falso juramento usando o nome de um deus era um delito sério, com consequências possivelmente graves em termos de castigo divino. Ao prestar juramento diante de um altar ou no santuário de um deus, tinha-se como certo que o deus ouviria as palavras proferidas.

¹⁰⁴ O trióbolo era uma moeda no valor de três óbolos, isto é, metade de uma dracma.

¹⁰⁵ "Isso aqui daria um bom odre de vinho", no original *halsin diasmekhtheis ónait' an houtosi*, literalmente "isso aqui ficaria bom depois de esfregado com sal". A preparação do couro dos odres envolvia uma etapa de esfregação com sal.

ESTREPSÍADES:

...e caberiam vinte litros¹⁰⁶.

CREDOR:

Pelo grande Zeus! Pelos deuses! [1240] Isso não há de ficar assim!

ESTREPSÍADES (*ri alto*):

Tu me fazes rir demais com teus deuses! Para os sábios, é ridícula a invocação de Zeus.

CREDOR:

No devido tempo, tu com certeza ainda vais prestar contas disso. Mas me diz se vais devolver o dinheiro ou não, que quero ir embora.

ESTREPSÍADES (*entrando na casa*):

Fica calmo, [1245] que agora mesmo vou te dar uma resposta exata.

CREDOR (*para a testemunha*):

O que tu achas que ele fará? Achas que vai devolver?

ESTREPSÍADES (*retorna com uma gamela de sovar massa de pão*):

Onde está esse que me pede o dinheiro? Fala: o que é isto aqui?

CREDOR:

Isso? É um amassador de pão.

ESTREPSÍADES:

És assim tão burro, e vens me pedir dinheiro? [1250] Eu não daria nem um óbolo a quem quer que chamasse de "amassador" a amassadeira.

¹⁰⁶ Vinte litros: no original, *hèx khoás*, "seis côngios", medida que corresponde a aproximadamente vinte litros.

CREDOR:

Então não vais me pagar?

ESTREPSÍADES:

Desconfio que não. Agora, por que tu não andas logo e te despacha da minha porta?

CREDOR (*indo embora*):

Eu vou. Mas fica sabendo que [1255] hei de mover um processo contra ti! E que eu morra, se não o fizer!

ESTREPSÍADES:

Então perderás ainda mais do que as doze minas. Apesar de tudo, não desejo que sofra isso, pois não passas de um simplório que diz "o amassador".

(*Aproxima-se o segundo credor, um homem machucado, que vem mancando*)

SEGUNDO CREDOR:

Ai! Ai! Pobre de mim!

ESTREPSÍADES:

Opa! [1260] Quem será esse aí que se lamenta? Será que não foi um dos deuses de Cárcino que falou?¹⁰⁷

CREDOR:

Queres saber quem eu sou? Sou um homem desafortunado!

¹⁰⁷ Aristófanes faz piada com Cárcino e seus filhos em outras obras (*Paz* 781-95; *Vespas* 1511-5; *Tesmoforiantes* 440-4) (cf. Dover, p. 242-3). Aqui, a suposição mais direta seria que Cárcino escreveu uma tragédia em que figurava um deus lamentando-se. Contudo, o caso parece ser mais complicado. Nas *Tesmoforiantes*, Aristófanes escreve "Ó Cárcino, feliz pelos bons filhos (...)". Nas *Vespas*, o coro faz referência direta a um dos filhos de Cárcino, Xênocles, o qual é apresentado como termo de comparação a uma mulher extremamente eloquente: "(...) comparado com ela, Xênocles, filho de Cárcino, pareceria (...) falar tolices". Na *Paz*, o coro pede à Musa que não aceite Cárcino e seus filhos: "Se Cárcino te suplicar para ingressar em teu coro com seus filhos, (...)". Ao que parece, Cárcino e seus filhos eram dramaturgos famosos, ridicularizados repetidamente por Aristófanes. Ao falar em "um dos deuses de Cárcino", ao invés de um dos filhos, Aristófanes aproveita para alfinetá-los novamente.

ESTREPSÍADES:

Então vai cuidar da tua vida.

CREDOR (*em tom pomposo e trágico*):

Ó duro espírito! Ó destinos que fraturam as rodas [1265] de meu carro! Ó Palas, como me arruinaste¹⁰⁸!

ESTREPSÍADES:

E o que foi que Tlempôlemo fez contra ti?

CREDOR:

Não deboches de mim, meu caro. Manda teu filho devolver-me o dinheiro que tomou, ainda mais que estou passando por dificuldades.

ESTREPSÍADES:

[1270] Que dinheiro?

CREDOR:

O que ele tomou emprestado.

ESTREPSÍADES:

Parece que tu estás mesmo mal.

CREDOR:

Sim, eu caí do meu carro em movimento, pelos deuses!

ESTREPSÍADES:

Deves ter sacudido o cérebro, me parece.

108 Segundo escólios encontrados em alguns manuscritos, esta fala é retirada do *Tlempôlemo* ou do *Licímnio*, tragédias de Xênocles (cf. Dover, p. 243). Na *Iliada* (2.661-3), é relatado que Tlempôlemo matou seu tio Licímnio, já idoso. "Tlempôlemo" é a forma ática do nome de Tlempôlemo.

CREDOR:

Por Hermes! Tu serás convocado ao tribunal, se não me devolveres a prata!

ESTREPSÍADES:

Então me responde: tu acreditas que Zeus [1280] faz chover água nova a cada vez, ou é o Sol que transporta desde baixo a mesma água novamente?

CREDOR:

Não sei, nem me interessa.

ESTREPSÍADES:

Ora, como é que tu mereces reaver o dinheiro se não sabes nada do que se passa na atmosfera?

CREDOR:

[1285] Se não tens o dinheiro, paga-me o juro¹⁰⁹.

ESTREPSÍADES:

O juro? Que bicho é esse?

CREDOR:

E o que mais seria, senão o dinheiro que vai ficando maior e maior a cada mês e a cada dia, conforme passa o tempo?

ESTREPSÍADES:

Está certo. [1290] Mas então? Acha que hoje o mar é maior do que no passado?

CREDOR:

Por Zeus, não. Tem que ser igual, não seria justo ele tornar-se maior.

109 Juro: no original, *tókos*, palavra que denota o nascimento ou os filhos. Em sentido derivado, indica os juros, "filhotes" nascidos da dívida.

ESTREPSÍADES:

Pois então, seu infeliz! Como é que ele, que recebe a água dos rios, não cresce nada, mas tu [1295] queres fazer o teu dinheiro ficar maior? Não vais te arrancar da minha casa? Tragam-me a aguilhada!¹¹⁰

(*Entra um escravo com a aguilhada*)

CREDOR:

Eu tenho testemunhas disso!

ESTREPSÍADES:

Anda! Que está esperando? Desempaca, ô cavaladura!

CREDOR:

Não posso acreditar que estou sendo ofendido.

ESTREPSÍADES:

Vais disparar? Olha que te cravo [1300] o ferro no cu, seu bucéfalo! Você foge? Eu estava mesmo indo te correr, junto com as tuas rodas e a tua biga.

CORO:

Que coisa é o amor por negócios mesquinhos! Este velho, apaixonado por eles, [1305] deseja ficar com o dinheiro que tomou emprestado. Não é possível que hoje ele escape de cair em algum embaraço, que [1310] castigará bruscamente a esse sofista pelas patifarias que praticou. Sei que em breve ele vai receber o que há tempos vem pedindo, que o filho seja-lhe exímio em dizer discursos [1315] contrários aos justos, e derrote a todos com quem converse, ainda que defendendo as maiores depravações. E quem sabe, quem sabe, desejará [1320] também que ele fosse mudo.

ESTREPSÍADES (*sai correndo de casa*):

Ai! Ai! Vizinhos, parentes e cidadãos! Me defendei de todas as maneiras que puderdes, que estou sendo espancado! Ai de mim, ai minha cabeça, ai meu queixo! (*Para o filho*) Seu bruto, bates no teu próprio pai?

¹¹⁰ Aguilhada: vara dotada de ferro pontiagudo na extremidade, usada para tanger animais. A expressão "picar a mula", no sentido literal, indica o uso da aguilhada.

FIDÍPIDES:

[1325] Sim, meu pai.

ESTREPSÍADES (*para o público*):

Vedes que ele admite que me bate?

FIDÍPIDES:

Sem dúvida que bato.

ESTREPSÍADES:

Oh bruto, parricida, bandido!

FIDÍPIDES:

Me diz de novo essas coisas e outras mais. Sabias que adoro ser bem xingado?

ESTREPSÍADES:

[1330] Seu rosca-frouxa!

FIDÍPIDES:

Continua me borrifando com muitas rosas.

ESTREPSÍADES:

Estás batendo no teu pai!

FIDÍPIDES:

Sim, e por Zeus vou provar que batia em ti com razão.

ESTREPSÍADES:

Seu perverso, e como poderias bater no pai com razão?

FIDÍPIDES:

Eu vou te provar, e te vencerei com minhas palavras.

ESTREPSÍADES:

[1335] Vais me vencer nisso?

FIDÍPIDES:

Completamente, e sem esforço. Escolhe qual dos dois discursos tu queres usar.

ESTREPSÍADES:

Quais dois?

FIDÍPIDES:

O melhor ou o pior?

ESTREPSÍADES:

Por Zeus, meu querido, eles realmente te ensinaram bem a refutar o que é direito, se é que tu [1340] vais mesmo me convencer de que é justo e belo o pai apanhar dos filhos.

FIDÍPIDES:

Estou seguro de que te convencerei, de modo que após me ouvir, tu mesmo não levantarás objeção alguma.

ESTREPSÍADES:

Podes ter certeza que desejo ouvir o que vais dizer.

CORO:

[1345] Tua tarefa, ó ancião, consiste em pensar como farás para levar a melhor sobre esse homem, pois ele, se não estivesse se fiando em alguma coisa, não seria tão atrevido. Existe qualquer coisa que o enche de audácia; está claro que esse é [1350] o estado de espírito do sujeito. Entretanto, debes principiar contando ao coro como foi que a briga de vocês começou. De todo modo, debes fazê-lo.

José C. Baracat Junior, versos 1352 a 1511**ESTREPSÍADES:**

Tudo bem, eu vou contar por que começamos a brigar. Quando estávamos nos baqueteando, como sabeis, [1355] pedi a ele que pegasse a lira e cantasse a canção de Simônides, o Crio, de como foi tosado¹¹¹. E ele imediatamente começou a dizer que essa coisa de tocar cítara e cantar enquanto se bebe é coisa de velho, coisa de mulher moendo cevada.

FIDÍPIDES:

Não devia ter te esmurrado e te pisoteado imediatamente, [1360] quando me mandaste cantar, como se estivesse oferecendo um banquete para cigarras?

ESTREPSÍADES:

Ele falava barbaridades como essas que está falando agora já lá dentro, e dizia que Simônides é um poeta ruim. E eu me segurei, no começo, ainda que com dificuldade. Mas, depois, pedi a ele que pegasse um ramo de mirra [1365] e dissesse alguma coisa de Ésquilo. E ele então me respondeu imediatamente: “eu considero Ésquilo o número um entre os poetas – barulhento, incoerente, bombástico, montanhoso”. E então? Não achais que meu coração quase enfartou? Mas eu engoli a raiva e disse: “mas tu me [1370] diz então alguma coisa desses poetas modernos, essas coisas que são sofisticadas”. E ele prontamente me veio com um verso de Eurípides, de um irmão que trepa com a irmã nascida da mesma mãe, deus-nos-salve¹¹²! Aí eu não me contive mais, mas parto para cima com tudo quanto é tipo de xingamento. Depois disso, como é natural, [1375] começamos a trocar algumas palavrinhas... e então ele pula em cima de mim, e então começou a me amassar e me esmurrar e me estrangular e me detonar.

FIDÍPIDES:

E não estou certo? Tu não gostas de Eurípides, o suprasumo da sofisticação.

ESTREPSÍADES:

Suprasumo ele? Ai, que é que eu vou te dizer? Mas aí vou apanhar de novo.

111 Alusão a uma ode de Simônides de Ceos (c. 556-468 a.C.) em honra de Crio de Egina. Há uma brincadeira com a semelhança entre o nome próprio *Kríos* e o substantivo *kriós*, que significa “ovelha”.

112 Referência ao *Éolo*, tragédia perdida de Eurípides.

FIDÍPIDES:

Zeus! E seria com justiça!

ESTREPSÍADES:

[1380] Como assim, com justiça? Seu sem-vergonha! Eu te criei, eu entendia tudo que tu querias dizer tinhas a língua presa. Se tu dizias “mamã”, eu entendia e te dava o que beber; se pedias “memê”, eu vinha e te dava pão; e mal dizias “caca”, eu te pegava e [1385] te levava para fora de casa e te segurava. E agora, enquanto tu me estrangulavas, eu gritava e esperneava que queria tirar a água do joelho, mas tu, seu escroto, não pode me trazer para fora de casa, mas ficou me batendo [1390] e eu fiz caca lá mesmo.

CORO:

Acho que os corações dos jovens estão palpitantes pela resposta que Fidípides dará. Pois se ele, que fez isso tudo, nos convencer com o lero-lero, [1395] não daríamos mais sequer um grão de feijão pelo coro dos mais velhos. Tua tarefa, ó atleta e artesão de palavras inovadoras, é buscar a persuasão para que pareças dizer coisas justas.

FIDÍPIDES:

Que delícia tratar de assuntos inovadores e instigantes, [1400] e poder desprezar as leis estabelecidas! Quando eu prestava atenção apenas na corrida de cavalos, não era capaz de dizer sequer três palavras sem errar; mas agora, como que esse cara aí me tirou dessa vida¹¹³, e eu convivo com pensamentos, discursos e reflexões sutis, [1405] acho que vou ensinar que é justo castigar meu pai.

ESTREPSÍADES:

Vai para os cavalos, então, por Zeus! Porque para mim é melhor sustentar um carro e quatro cavalos do que levar socos e pontapés!

FIDÍPIDES:

Vou voltar ao ponto em que me interrompeste e, primeiramente, te perguntar isto: me batias, quando eu era criança?

¹¹³ Há um certo desacordo em relação à referência de Fidípides. Muita gente pensa que ele se refira a Sócrates, que foi o responsável efetivo por sua educação; algumas pessoas, todavia, e nós entre eles, preferimos entender que Fidípides se refere a seu pai, dado que i) o pronome *houtosí* costuma indicar personagens próximos e em cena (e Sócrates está ausente agora), e ii) parece um pouco mais coerente com o contexto: Fidípides se defende dizendo que foi ideia do próprio pai tirar-lhe das corridas de cavalos e formá-lo na arte do discurso pior.

ESTREPSÍADES:

[1410] Batia em ti, mas era com boa intenção e me preocupando com contigo.

FIDÍPIDES:

Então me diz: não é justo que eu também, da mesma forma, seja bem intencionado para contigo e te bata, haja vista que isso, bater, é ter boa intenção. Por que é que o teu corpo deve ser preservado de agressões, mas o meu não? Ora, eu também nasci livre! [1415] “As crianças choram, mas tu pensas que um pai não chora”¹¹⁴? Tu dirás que é o costume, que isso é o que se faz com a criança; mas eu poderia te responder que os velhos são duas vezes crianças. É mais razoável que os velhos chorem, e não os jovens, na exata medida em que é menos justo que os velhos errem.

ESTREPSÍADES:

[1420] Mas em lugar nenhum é costume que o pai sofra coisas assim.

FIDÍPIDES:

Então o homem que instituiu esse costume primeiramente não era assim como tu e eu, e convenceu os antigos falando? Será que eu tenho menos direito de instituir um costume novo para meus filhos no futuro, o de bater nos pais? [1425] Os golpes que recebíamos antes de o costume estar estabelecido, nós relevamos, e concordamos que apanhaste de graça. Observa os galos e esses outros bichos aqui, como eles se vingam dos pais; e em que são diferentes de nós, exceto por não escrevem decretos?

ESTREPSÍADES:

[1430] E daí? Já que imitas os galos em tudo, por que também não comes merda e dormes num poleiro?

FIDÍPIDES:

Não é a mesma coisa, meu caro, e Sócrates também não pensaria assim.

ESTREPSÍADES:

Não me batas mais! Se não, ainda vais implorar por teu coro.

¹¹⁴ Paródia do verso 691 da *Alceste* de Eurípides, em que Feres, pai de Admeto, se recusa a morrer pelo filho: “te alegras vendo a luz do sol, mas pensas que um pai não se alegra”?

FIDÍPIDES:

E como?

ESTREPSÍADES:

Eu tenho o direito de te punir, [1435] e tu terás esse direito com teu filho, caso tenhas um.

FIDÍPIDES:

Mas, se eu não tiver, terei chorado em vão, ao passo que tu terás morrido sorrindo.

ESTREPSÍADES:

Para mim, meus coetâneos, ele parece falar coisas justas, e também acho que confere a essas coisas plausibilidade; é razoável, pois, que nós soframos, caso não façamos o que é certo.

FIDÍPIDES:

[1440] Mas considera mais um outro pensamento.

ESTREPSÍADES:

Vou morrer!

FIDÍPIDES:

Bom, talvez não terás objeção em sofrer aquilo que sofres agora.

ESTREPSÍADES:

Mas como? Me explica o que eu vou lucrar com isso.

FIDÍPIDES:

Vou bater na mamãe como bato em ti.

ESTREPSÍADES:

Que dizes? Que é tu estás dizendo? Isso é um mal maior ainda!

FIDÍPIDES:

E se eu te vencer usando o discurso [1445] pior e disser que é preciso necessário bater na mamãe?

ESTREPSÍADES:

Que mais senão que, se fizeres isso, não vai te impedir de te jogares a ti [1450] e ao teu discurso pior, e mais o Sócrates, no báratro¹¹⁵. (*Para as Nuvens*) Isso me acontece por vossa culpa, ó Nuvens, porque pus toda a minha vida nas vossas mãos.

CORO:

Tu mesmo és o responsável pelos teus próprios problemas, [1455] uma vez que te voltaste para as ações perversas.

ESTREPSÍADES:

Ora, por que não me contastes isso, mas provocastes um velho caipira?

CORO:

Procedemos dessa maneira sempre que percebemos que uma pessoa adora ações perversas, [1460] até que o metamos nalgum mal, para que ele saiba temer os deuses.

ESTREPSÍADES:

Caramba! Isso é perverso, Nuvens, mas é justo; pois não eu devia me recusar a pagar o dinheiro que tomei emprestado. (*Para Fidípides*) Mas agora, meu querido, trata [1465] de vires junto comigo para ferrar aquele nojento do Querefonte e o Sócrates, que estavam enganando tanto a min quanto a ti.

FIDÍPIDES:

Mas eu não poderia fazer mal aos meus professores.

ESTREPSÍADES:

Podes sim, pelo amor de Zeus pai!

¹¹⁵ O báratro é um tipo de poço onde eram lançados os condenados à morte por crimes graves.

FIDÍPIDES:

Olha aí: Zeus pai! Como és antiquado! [1470] E Zeus lá existe?

ESTREPSÍADES:

Existe!

FIDÍPIDES:

Não existe, não, porque o Vórtex é quem reina, depois de ter expulsado Zeus.

ESTREPSÍADES:

Não expulsou, não, mas era eu quem achava isso por causa deste vaso aqui¹¹⁶. Que imbecil eu fui, quando pensei que tu, um vaso de barro, fosses um deus.

FIDÍPIDES (*saindo da cena*):

[1475] Delira aí e conversa contigo mesmo.

ESTREPSÍADES:

Puxa, que loucura! Como estava louco, quando rejeitei os deuses por causa de Sócrates! (*Para uma estátua em cena*) Mas, ó caro Hermes, não te ires comigo, e não me destruas, mas tem piedade de mim, [1480] porque eu perdi meu tino com aquele falatório. E sê meu conselheiro: devo processá-los? Ou o que pensas que devo fazer? Me aconselhas corretamente! Não permites que eu entre com um processo, mas achas que devo colocar fogo agora mesmo na casa [1485] dos falastrões! (*Para um escravo*) Aqui, aqui, Xântias! Pega uma escada e traz para mim, e traz também a picareta; e, depois, volta aqui no Pensatório e, se é que tu amas teu senhor, acaba com o teto dele, até que tu derrubes a casa em cima deles. [1490] Alguém me traga uma tocha acesa! E eu vou fazê-los me pagarem hoje, mesmo que sejam muito charlatães.

PRIMEIRO DISCÍPULO:

Ai, ai, ai!

¹¹⁶ *Dinos* significa "vórtex", "redemoinho", mas também "vaso" ou algum recipiente do tipo. O dêitico indica que esse objeto estava em cena e, deduzimos, situado na entrada do Pensatório. Estrepsíades confundiu o *dinos* vórtex cosmoteológico com o *dinos* vaso (cf. versos 380ss.).

ESTREPSÍADES:

É teu trabalho, tocha, tocar um fogaréu!

DISCÍPULO:

[1495] Homem, que fazes?

ESTREPSÍADES:

Que faço? Que mais, senão discutir sutilezas com as vigas da casa?

OUTRO DISCÍPULO:

Putz! Qual de nós botou fogo na casa?

ESTREPSÍADES:

Aquele cuja roupa vós pegastes.

SEGUNDO DISCÍPULO:

Vais nos matar! Vais nos matar!

ESTREPSÍADES:

Mas é isso mesmo que eu quero, [1500] se a minha picareta não me deixar na mão ou eu não cair antes e quebrar o pescoço.

SÓCRATES:

Tu aí em cima do telhado, que é que estás fazendo?

ESTREPSÍADES:

Aeroando e circumpenso o Sol.

SÓCRATES:

Pobre de mim! Vou sufocar!

DISCÍPULO:

[1505] Coitado de mim! Vou virar cinza!

ESTREPSÍADES:

Que é que vós estudastes para ultrajar os deuses e bisbilhotar o curso da lua? (*Para o escravo*) Vai, menino, força na marreta, por muitos motivos, mas sobretudo porque sabes que eles cometiam injustiça contra os deuses!

CORO:

[1510] Saí: nós dançamos demais hoje!





núcleo de
editoração
eletrônica
Instituto de Letras-UFRGS

Impresso na Gráfica da UFRGS



INSTITUTO
DE LETRAS
UFRGS

ISSN 1807-9873

